

MURIALDO

Pai, Amigo, Irmão.

A FAMÍLIA

AS ORIGENS DA FAMÍLIA MURIALDO.

Na província italiana do Piemonte, na parte de terra que se estende desde o rio Pó até o mar, Deus colocou uma região cheia de encanto e poesia, com colinas e montanhas que tocam o céu e com um número sem fim de vales que desembocam na planície como rios no mar. Um grande curso de água, o Tânaró, turbulento e impetuoso, recolhe as águas de diversos afluentes que serpenteiam naqueles vales denominados pela população local com o nome de **LANGHE**, isto é, Línguas.

Na beira de um destes afluentes, o Bórmida, surge um povoado de 2000 habitantes chamado **MURIALDO**. Se você for para lá e perguntar a um velho qualquer o que significam as ruínas de um antigo castelo, que ainda parece querer pontificar sobre aquele vilarejo, ele lhe matará toda curiosidade com a sabedoria peculiar não só dos velhos, mas dos velhos daquela região que, embora de uma instrução convencional que deixa a desejar, têm um senso de compreensão das coisas muito intenso e profundo.

No ano de 1100, quando o Brasil ainda devia dormir por 400 anos antes de ser descoberto por Cabral, morava naquele castelo uma família descendente dos marqueses de Ceva, que era como a capital daquelas terras. Esta família, por morar num lugar cheio de penhascos e num castelo com muros imponentes, era conhecida pelas pessoas cultas por **MURI ALTI**, expressão latina da língua da época que significa **MUROS ALTOS**, enquanto, pelo povinho, que de latim gramatical pouco sabia, por **MURI ALDI**, o que, com o tempo passou a ser **MURIALDO**.

A família Murialdo era um feudo de guerreiros valentes. Nunca se rendiam diante do inimigo a não ser quando a razão lhes dizia que a força já não bastava. Foi o que aconteceu em 1450, quando oprimidos pelos poderosos vizinho do Monferrato, do Roeri e do Astigiano, tiveram que abandonar a montanha bravia para se estabelecer na planície, na cidade de Carmagnola, a 25 Km de Turim. Lá os Murialdo se estabeleceram poderosos e valentes.

Em 1522 a peste grassou naqueles lugares. Mas os Murialdo não foram atingidos por aquela calamidade, porque, com 12 outras famílias de nomes antigos e de poder, se colocaram sob a proteção da Imaculada Conceição de Maria, o que mostra que eram também piedosos. E desde aquele tempo em diante os descendentes sempre jejuaram no dia 7 de dezembro, vigília da festa da Imaculada Conceição, por gratidão à graça alcançada.

Em 1744 um dos Murialdo, de nome João Batista, deixou Carmagnola e se estabeleceu em Turim. Já pai de 11 crianças, em 1755 deu à luz a décima segunda, a **Leonardo Franchino**, que foi um agente de câmbio, tão absorvido por esta atividade bancária que pensou em casar somente aos 40 anos. A esposa que escolheu era uma descendente dos condes de **TANA**, tal qual a mãe de São Luiz Gonzaga. Chamava-se **Teresa Maria Rhó**.

Leonardo Franchino Murialdo e Teresa Maria Rhó foram os pais de São Leonardo Murialdo.

Ele foi um homem com um sentido de justiça muito profundo. Um fato o define fielmente. Na iminência da morte quis fazer um acréscimo ao testamento, destinando grande quantia de dinheiro a obras de caridade para compensar os danos **involuntariamente** causados a pessoas no exercício de sua profissão.

Teresa tinha 18 anos a menos do que o esposo, mas o igualava e até superava em virtude. São Leonardo dirá que foi "*um perfeito modelo de esposa e de mãe cristã.*"

Os dois tomaram a sério o emblema da família que trazia a escrita **HAUD MORI** (não morrer) e geraram nove filhos: sete meninas e dois meninos. Ter família numerosa era tradição dos Murialdo. O pai de Franchino criou 12 filhos; um dos tios chamado Luis 23; Ernesto, irmão de São Leonardo, nove.

Leonardo foi o penúltimo da série e nasceu aos 26 de outubro de 1828.

NADINO

O NASCIMENTO

Existia, e existe ainda agora no centro da cidade de Turim, o palácio dos condes de Sambuy. Naquele tempo, isto é, no dia 26 de outubro de 1828, no terceiro andar deste palácio, havia uma atividade fora de comum. Acabava de nascer Leonardo Murialdo.

A empregada doméstica, Lúcia Maga, tinha um trabalho enorme para conter a curiosidade de um pequeno bando de crianças que queria ver o irmãozinho recém-nascido. Havia Olímpia, com 12 anos, que pensava ter direitos especiais pois ajudava em tudo o que lhe era pedido; Aurélia que, só tendo 9, partilhava com Diomira e Emília, de 8 e 7 anos, uma curiosidade intensa; Domitila, com 4 anos, que estranhava um pouco todo aquele barulho incomum e participava da inquietude das irmãs maiores sem saber exatamente o que tinha acontecido; Ernesto, de 18 meses, dormia sossegado num berço azul marinho, alheio a tudo. Só faltava Clementina... mas Clementina estava no céu, para onde tinha emigrado uns anos antes.

Naquele momento, quando a paciência de Lúcia já andava se esgotando, chegou papai Franchino. Sorriu diante da impaciência das filhinhas e as conduziu, devagar, na ponta dos pés, para contemplarem o menino.

Este dormia sossegado e era tão pequeno como um passarinho. A mãe também descansava na cama e sorriu para as filhinhas que desfilavam uma após outra diante do berço do recém-nascido como os pastores diante do presépio. "**Chamar-se-á Leonardo**", disse ela baixinho. "**Como é bonito o nosso Nadino**" comentou Olímpia. E daquele momento em diante irmãs, pai e mãe o chamaram **Nadino**.

O BATISMO DE NADINO.

No dia 26 nascera um homem e um grande homem. No dia 27 nasceu um cristão, um grande santo. **Nadino foi batizado** na Igreja paroquial de São Dalmácio. Foi então que houve festa na casa Murialdo. Uma festa de família na qual o rei foi o recém-nascido e a rainha mamãe Teresa. Fora, na rua, soprava um vento frio que trazia das montanhas os primeiros sinais da aproximação do inverno. Em casa dos Murialdo, porém, havia muito calor. Não era só a lareira acesa que o emanava. Eram os corações que se derretiam ao redor daquela criança.

OS PRIMEIROS ANOS.

Toda a casa passou a viver em função de *Nadino*. Mamãe Teresa, conforme costume vigente entre as famílias nobres da época, encontrou uma robusta camponesa para que amamentasse aquela criança que, aliás, não tinha lá muitas pretensões. Lúcia se esmerava em trocar fraldas, dar banho, ninar o pequeno, cantando acalantos da terra que são um tanto rústicos, mas muito eficazes. Franchino era um papai coruja que esquecia até seus compromissos de banqueiro para curtir o caçulinha, um punhado de vida entre fraldas azuis. De mamãe depois nem se fala, e nem das irmãzinhas que o queriam tomar no colo, abraçar, beijar, ninar. E rezavam junto com papai e mamãe para que aquele menino pudesse crescer forte, inteligente e santo. Nem precisa comentar que foram atendidos. De qual maneira e em que foram atendidos você, leitor, o verá ao longo desta história.

Neste ambiente tão cheio de calor humano é que Leonardo cresceu e logo mostrou a todos o que era: um coração repleto de bondade, de delicadezas e de dotes humanos excepcionais.

Nadino cresceu rapidamente. Aprendeu a falar, aprendeu a rezar, soube o que é o amor de mãe, de pai e de irmãos. Quando tinha dezoito meses apareceu outra irmãzinha, Delfina, que lhe roubou um pouco as atenções mas não o amor, pois a matemática do amor segue leis e princípios próprios: quem reparte multiplica.

Leonardo cresceu naquele santuário de amor como flor na serra. Tinha uma constituição um pouco fraca. Era delicado, magro e franzino, o que lhe atraía ainda mais os cuidados da mamãe, de Lúcia e de Olímpia, sempre muito responsáveis e atenciosas. Ele retribuía estes carinhosos cuidados com muita espontaneidade e alegria. Sempre lembrará o lar como uma escola de amor, de virtudes religiosas, morais e sociais.

Amou profundamente as irmãzinhas, suas companheiras de brincadeiras e orações. Crescido, lembrará Olímpia como sua segunda mãe, a irmã sempre sábia e boa; Aurélia como a irmã de seu coração, uma pequena santa; Emília vaidosa e romântica, sempre lendo e sorrindo; Domitila, cujo hobby era passear, inteligente, bondosa e um fenômeno de vivacidade; Diomira, um pouco cabeçuda, às vezes emburrada, mas que ajudava a todos e fazia o que as outras não queriam; Delfina, simpática, graciosa, curiosa, gulosa mas nunca triste, sempre carinhosa e Ernesto, o irmão alto, robusto, taciturno, meditativo, pacífico, perseverante, estudiosíssimo, tão diferente dele, mas unido a ele por um amor profundo que o acompanhou por toda a vida.

Aquela que marcou mais intensamente a vida de Nadino, porém, foi mamãe Teresa.. Durante

toda a vida Leonardo derramará sobre “*aquele anjo de mãe*” toda a sua ternura e a sua veneração.

OS PRIMEIROS SOFRIMENTOS.

A morte não faz acepção de pessoas. Nunca poupou ninguém desde a criação do mundo. Corta a vida de adultos e crianças sem dó nem piedade.

Nadino a conheceu muito cedo. Nem ainda completara cinco anos quando, no dia 15 de junho de 1833, papai Franchino morreu. Tinha 57 anos, e relegava à orfandade 8 filhos, todos menores.

A morte de Franchino deixou a família numa dor profunda e numa situação muito difícil. A fé, é verdade, era a segunda alma daquela família. Mas a fé não elimina a dor, não resolve magicamente problemas financeiros e afetivos... a fé ajuda a superar a dor e a enfrentar a realidade. Assim mamãe Teresa, mulher que vivia de verdade a sua fé, não se dobrou. Encarou com coragem heróica a obra da educação dos filhos e, confiando em Deus e na Providência, começou uma nova e difícil caminhada.

Embora muito pequeno, Nadino intuía, com sua sensibilidade, a dimensão da desgraça que acabara de acontecer. Sofreu, intensamente, mas foi consolado, ajudado e acompanhado pela mãe de maneira admirável. Seus sentimentos, então, tomaram um novo rumo. Toda a sua afeição se concentrou na mãe e, sendo amado pela mãe de uma maneira particular, entrou num caminho maravilhoso que o levou a compreender o amor de Deus pela experiência do amor materno. Ninguém pode avaliar a bondade e a pedagogia de Deus. De um fato tristíssimo, causador de muita dor, dor sem dúvida imensa para uma família e uma criança, tirou este bem grandioso: revelou para Murialdo uma mística especial que fez de sua vida uma vida de alegria e de ação de graças, dando-lhe a conhecer quanto Ele o amava.

A morte não ficou longe da família de Nadino por muito tempo. Três anos depois Deus buscou também Olímpia, a irmã do seu coração. Em 1835 Olímpia, com 20 anos de idade, estava casada e feliz. Ao chegar o primeiro filho, em 1836, se viu diante da necessidade ou de abortar ou perder a própria vida. Não hesitou. Escolheu a vida do filho para ser fiel à lei de Deus e à lei do amor. A Família Murialdo não somente tinha fé, mas vivia a fé ao ponto de testemunhá-la com a própria vida.

Mas o papai e Olímpia não foram os únicos a serem acolhidos ao céu durante a infância de Nadino. Entre 1833 e 1835 grassou na cidade de Turim o cólera que levou também dois tios e uma tia. A vida de Nadino foi muito perturbada pela presença sinistra da morte, mas sempre amparada pelo amor e pela fé da mamãe. Seu caráter assim se fortificava. Desde cedo aprendeu a se tornar homem, homem sério e santo, mas também nunca deixou de ser criança.

O PADRE GIGANTE..

Quem o ajudou a se tornar homem, além da mãe, foi um santo sacerdote de sua Igreja paroquial chamado **Máximo Pullini**. Pullini fisicamente era um verdadeiro Golias: alto, reforçado, imponente. Ao lado de Nadino, pequeno e fraco como um talo de flor, alguém poderia pensar que não podia haver nada em comum entre os dois. Mas foi o contrário. Nadino o aceitou como um pai e ele foi para Nadino o mestre em todos os momentos difíceis de sua infância e juventude.

Foi ele quem o batizou, quem o catequizou, quem recebeu a sua primeira confissão, lhe deu pela primeira vez Jesus Eucaristia e o iniciou na vida espiritual. Nadino o chamava carinhosamente “*o bom Abadão*” referindo-se à sua figura física gigantesca e, ao mesmo tempo, à sua estatura moral. Nadino era amigo também dos outros padres da Paróquia, que pertenciam à Congregação dos Barnabitas, e dos quais lembrava frequentemente as Santas Missas e os sermões.

UM PEQUENO MUNDO ESPIRITUAL...

A Igreja paroquial estava bem perto de sua casa e ele aprendeu a frequentá-la assiduamente. Ia para lá imaginando ser acompanhado pelo seu Anjo da Guarda, do qual a mãe lhe falava frequentemente. Chegado à Igreja se refugiava num recanto onde estava representada Nossa Senhora de Loreto. Foi neste lugar que a mãe o iniciou na devoção a Nossa Senhora, devoção que marcou profundamente a sua espiritualidade.

A presença de Maria na vida de São Leonardo foi a atmosfera de seu mundo espiritual. Antes do nascimento a mãe o consagrara a Nossa Senhora da Consolação cujo Santuário se erguia não muito distante do lugar onde morava. Nadino, desde pequeno, começou a frequentar este Santuário e andou crescendo no amor à Mãe de Jesus na medida que crescia em idade. Rezava cada dia o terço com a família, celebrava suas festas, lia tudo o que lhe falava dela. Ao mesmo tempo aprendia a amar Jesus, a estar junto com Jesus escondido no sacrário, ficando frequentemente em sua companhia.

A mãe exultava, rezava e curtia aquele anjinho que Deus lhe tinha confiado. No seu coração, porém, se escondia um sofrimento. Estava próxima a hora em que deveria separar-se dele. Em breve Nadino devia começar seus estudos... Seu amor de mãe estava acima de seu egoísmo. Queria dar ao filhinho o melhor e o melhor era um colégio dirigido pelos padres Escolópios, na cidade de Savona, na Costa Azul, na Província chamada Ligúria, longe de Turim. E foi para lá que seu amor de mãe o enviou.

VIAGEM PARA SAVONA.

O dia 26 de outubro de 1836 foi muito triste. Nadino, Ernesto e a mãe embarcaram na diligência que os levaria a Savona. A cidade dista hoje de Turim quase 100 Km mas, naquela época, para lá chegar, se devia percorrer um trajeto de quase 230 Km.

Houve lágrimas na despedida. Afinal Nadino mal e mal completara 8 anos e Ernesto 9, e as irmãs... quem pode exigir que uma irmãzinha permaneça indiferente numa despedida, principalmente quando quem parte é o melhor maninho do mundo, o mais pequeno, o mais meigo, o mais carinhoso?

Assim Nadino deixou a família, a paróquia e alguns amigos também. Eram meninos pobres, entre 10 e 11, anos que ganhavam seu pão limpando lareiras e chaminés e com os quais ele costumava dividir lanche e balas.

A viagem foi longa e cansativa. Em poucas horas os cavalos superaram a planície do rio Pó para enfrentarem, depois, colinas e montanhas sem fim. Um dia e uma noite de viagem, com paradas frequentes, mas muito curtas.

Conta-se que numa destas paradas Nadino arregalou os olhos repletos de compaixão ao ver uma mulher e duas crianças sentadas na calçada e gemendo de fome. Era uma cena incomum para ele. Não hesitou. Buscou o lanche que a mãe lhe dera e o entregou às coitadas, deixando correr duas lágrimas grandes como bolinhas de gude.

Finalmente apareceu o mar, um mar azul como o manto da Virgem e apareceu também a cidade de Savona, toda enfeitada de flores como os jardins do parque Valentino, o belo parque de sua Turim, agora tão distante. Era o fim da viagem. Naquele lugar Nadino ficaria sete longos anos para fazer seus estudos, como interno no colégio dos Padres Escolópios, muito renomado em todo o Reino. Evidentemente os estudos podiam ter sido feitos em Turim, mas dona Teresa quis que fosse em Savona porque Nadino era muito fraco e precisava de cuidados especiais e o mar sempre é médico e medicina. Mais tarde São Leonardo escreverá que "*a mãe se resignou diante desta necessidade*" fazendo-nos entender quanto foi difícil para ela tomar aquela decisão.

Ao chegar foram imediatamente ao Santuário de Nossa Senhora das Misericórdias e lá a mãe repetiu o que já tinha feito em Turim, na Igreja da Consolação, ofereceu a Deus os seus filhos, as jóias mais preciosas que tinha...

SONHOS E SAUDADES...

No dia 5 de novembro iniciaram as aulas. Nadino se dedicou intensamente àquela nova vida feita de estudo, de oração e de uma disciplina um pouco militar, temperando tudo com sonhos e fantasia.

Em Turim, não longe de casa, havia uma Academia Militar. Tinha visto com frequência oficiais em uniformes vistosos, que se pavoneavam pelas ruas. E Nadino sonhava, sentindo-se também oficial de cavalaria, percorrendo campos de batalha, expulsando do solo pátrio o austríaco invasor e entrando vitorioso nas cidades libertadas, montado num ginete todo branco, agitando a espada e cavalgando ao lado do rei Carlos Alberto...

Eram tempos heróicos aqueles, o tempo da formação da Itália. Havia em todos muito fervor patriótico e o nosso herói partilhava do entusiasmo geral que fazia arder o coração do Piemonte.

Estes sonhos, porém, não o desviaram de seus deveres e nem duraram muito tempo. Nadino mergulhou nos estudos e na vida de colégio com toda as forças. Mas que saudades da mamãe e das irmãs! Pensava nelas dia e noite... Temos uma porção de escritos da época pelos quais podemos ver quanto amor residia naquele coração de criança. No dia 16 de março de 1837 escreveu com uma caligrafia muito bonita e sem erro (só tinha começado sua alfabetização em novembro!) a sua primeira carta, feita só de poucas linhas. Nela dizia:

"Mamãe querida:

Teu Nadino é sempre o mesmo para com sua mamãe querida. Ele te ama e talvez muito mais do que antes e não deseja outra coisa a não ser que chegue o momento que estabeleste para vir abraçá-lo e para te provar de fato o que te diz nestas poucas linhas. Até logo mamãe querida. Dá muitos beijos a Delfina e a todas as outras irmãs.

***Ernesto te diz as mesmas coisas. Abraço-te e me declaro
O teu Nadino.***

NO COLÉGIO

Nadino, como dissemos, começou seus estudos no dia 5 de novembro de 1836. Começou com entusiasmo e sucesso pois era inteligente, criativo e aplicado. Por isto, durante os sete anos em que esteve em Savona foi muitas vezes entre os primeiros de sua turma, quer no curso primário, quer no secundário. Era muito estimado pelos superiores e colegas, também e sobretudo porque tinha conduta e piedade modelares.

Aquele lugar era para Nadino um pequeno Paraíso terrestre. Sentia-se bem, sentia-se amado, sentia-se em casa. A mãe o visitava cada ano trazendo consigo, às vezes, uma irmãzinha; e Ernesto estava lá, ao seu lado, e sua companhia lhe infundia segurança e dava um pouco de ar de família ao ambiente.

O clima marinho lhe fez bem. Seu corpo se fortificou, tornou-se sadio e forte. Dedicou-se, com paixão também aos esportes, preferindo sobretudo caminhadas e natação.

Ao mesmo tempo crescia interiormente. Seu amor à sinceridade e à verdade foi tal que ele mesmo, já perto dos setenta anos, declarou que nunca mentiu uma vez sequer durante toda a vida. Cresceu também na oração sob a guia sábia e prudente de dois sacerdotes, Pe. Canata e Pe. Solari que lhe infundiram um grande amor à Mãe de Jesus, a São José, ao Papa e à Igreja.

AOS QUATORZE ANOS..

Naquele Paraíso, porém, havia também uma serpente. E a serpente eram alguns companheiros que se roíam de inveja pelos seus sucessos. Não podendo superá-lo nos estudos, elevando-se à altura dele, não acharam outro jeito que tentar arrastá-lo para o próprio nível igualando-o a eles.

Quando não se pode colher a manga no topo da árvore derruba-se a manga com pedradas... Foi o método que eles escolheram. Tantas foram as ciladas que lhe armaram, aliciando-o, ameaçando-o, machucando-o, que Nadino foi cedendo, vencido pelo cansaço, pela pressão desonesta e perseverante daqueles moleques de colégio. Pouco a pouco se tornou diferente. Já não era mais aquele garoto simples e bom, sorridente e generoso de sempre. Era uma alma ferida e machucada que, para se proteger dos assaltos, começou a frequentar os maus colegas procurando impedir, com esta aproximação, maiores amolações e desgostos e, evitar ser taxado de espião dos superiores, coisa que nunca cogitara ser, mas que frequentemente lhe era lançada no rosto. As conversas daqueles colegas, outrora por ele detestadas, começaram a despertar sua curiosidade. Sua conduta mudou. Um dia, diante de uma observação de Pe. Solari sobre seu comportamento, respondeu grosseiramente e foi ameaçado de reclusão numa sala escura, destinada a alunos rebeldes. Nadino disse que não se importava. E então recebeu o castigo. Naquele lugar sem luz, onde foi fechado, teve um medo enorme, pois ouvira dizer que havia morcegos, corujas e ratos. Começou então a gritar, a chorar, a bater os pés e sacudir a porta com tanta força e por tanto tempo que logo mais o tiraram de lá. Mas o castigo não o corrigiu. Quando Murialdo já beirava os setenta escreveu um documento muito importante, o seu *Testamento Espiritual*. Neste documento o santo fala daquela época e afirma ter feito muita coisa má ao ponto de merecer o inferno, se morresse naquela ocasião.

Que não era o mesmo todos percebiam: os colegas, ele mesmo e os superiores. Pe. Solari no fim de 1842 escreveu a dona Teresa falando da situação do filho e dona Teresa ficou muito preocupada.

A VOLTA PARA TURIM.

Mas esta crise de adolescência de Nadino teve seu fim também, e um fim que Nadino mesmo provocou. Meditando sobre sua situação, sobre o que tinha sido e o que era, o menino, iluminado pela graça de Deus, escreveu para a mãe que o retirasse quanto antes do colégio. Faltava um ano só para completar os estudos e sair naquela ocasião era verdadeiramente coisa insensata aos olhos de todos. A mãe foi a Savona, ouviu o filho, ponderou suas razões, leu em seu coração e o levou consigo para Turim.

Acabou, assim, sua vida de colégio e começou uma nova vida, nova em tudo, porque Nadino se reencontrou mais amadurecido, longe de um lugar onde já não tinha paz, livre para ver melhor e mais objetivamente as coisas. O padre Pullini, "*O BOM PADRE GIGANTE*", entendeu imediatamente seu problema e o contornou com amor e prudência. Leonardo voltou a ser o que era, porém mais consciente e mais experimentado.

Em Turim tratou de acabar seus estudos. Fê-lo com o ardor e o brilhantismo de sempre, como aluno externo do Colégio São Francisco de Paula. Aquela Turim que nascia para o progresso, onde surgiam cada dia edifícios e palácios, onde as pontes sobre o rio Pó primavam pela beleza e pela técnica, enquanto o comércio e a indústria e a agricultura assumiam um dos primeiros lugares na Europa, fez surgir nele o ideal de ser Engenheiro. Por isto, nesta época, cultivou com especial carinho as ciências da física e da matemática para as quais sentia especial inclinação.

Deus não pensava assim. Preparava para ele outro futuro. Tinha outros planos a respeito. E manifestou estes seus planos quando Nadino atingiu os 15 anos e estava na iminência de começar o curso científico.

O JOVEM

A VOCAÇÃO

A vocação de **Nadino** para a vida sacerdotal explodiu de improviso. **Nadino** já tinha acalentado muitos sonhos: ser militar, advogado, diplomata, engenheiro... Em Turim, *aos quinze anos, Deus o convidou para uma outra vida, para servi-lo pobre entre os pobres.*

Os magos foram chamados por meio de uma estrela. São Paulo recebeu um chamado extraordinário e direto na estrada de Damasco. Santo Agostinho sentiu sua vocação ouvindo o canto de uma criança. Santo Inácio de Loyola foi convidado a seguir a Jesus por meio de um livro e São Francisco Xavier durante a leitura do Evangelho. São Leonardo Murialdo o foi através de um sermão.

Aconteceu durante a Quaresma do ano 1844, na Igreja de São Dalmácio. O assunto era eternidade e inferno. O nosso herói sentiu-se totalmente abalado pelas palavras do pregador e percebeu que Deus o convidava para uma vida de santidade e de boas obras.

Sua resposta foi imediata e perfeitamente consciente. Ele iria entrar na Ordem dos Capuchinhos para cuidar de sua santidade, através de uma vida de pobreza e de penitência.

Nadino mostrou, então, muita maturidade. Não fez nenhum passo, não executou nada daquilo que pensava sem antes consultar seu diretor espiritual. Contou para ele seus planos, expôs suas intenções e pediu seus conselhos.

O **Cônego Lourenço Reinaldi**, depois de ter ouvido com atenção o relato de **Nadino**, o desaconselhou a entrar na Ordem dos Capuchinhos. *Na sua intuição viu outro futuro para aquele jovem que devia, segundo ele, ser sacerdote diocesano.*

Nadino acatou suas ponderações e, na primavera de 1845, tomou definitivamente a sua decisão.

Foi muito comovedor o momento em que comunicou à mãe a grande notícia. O sim da mãe foi total e absoluto. Não podia ser diversamente, pois a fé daquela mulher sempre era profunda e intensa. Só uns parentes resistiram um pouco, mas cederam diante da firmeza de suas intenções.

UM MOMENTO DE PREOCUPAÇÃO...

Em Savona **Nadino** tinha adquirido forças e saúde. Tornara-se robusto sim, permanecendo, porém, sempre muito magro. Entre 16 e 17 anos cresceu demais em altura e todo o organismo se ressentiu. Além disto **Nadino** se excedera nos estudos e se preocupava com decisões importantes demais para a sua vida... Por causa de tudo isto entrou num estado de tensão muito grande. Caiu, assim, num esgotamento nervoso profundo. *"Estava preso e amarrado pelo medo de ficar louco"*, confessa ele muitos anos depois. Superou, porém, com facilidade esta crise. O que o ajudou a sair foi sua confiança total em Nossa Senhora de Loreto, a quem invocava cada dia e na qual depositou a certeza de que Ela o curaria.

Depois de poucos meses sentiu-se plenamente livre daquele pesadelo que o atormentava.

Leonardo agradeceu por toda a vida a Virgem Santa, considerando verdadeiro milagre a cura que ela lhe alcançou.

AMIZADES E ESTUDOS

Leonardo fez seu biênio filosófico em Turim entre 1843 e 1845. Foi um tempo de estudos intensos e de crescimento profundo. Tendo por natureza um caráter muito vivo e aberto, conseguiu amizades profundas e sinceras. A triste experiência de Savona fez com que fosse muito cuidadoso na escolha de suas amizades. Alguns destes seus amigos foram personagens ilustres da época, sacerdotes como ele ou seus colaboradores depois.

É interessante notar que durante este período de estudos *se dedicou, com seus amigos e seu irmão Ernesto*, a muitas obras de caridade. No domingo *ministrava catequese* às crianças pobres da paróquia, aos sábados *ia visitar doentes* no hospital São João, cuidavam dos idosos de São Dalmácio, *recolhia e distribuía alimento para os pobres*. O grupo era amparado e aconselhado pelo padre Pullini e seguido com ternura pela mamãe Teresa que estava feliz e

orgulhosa de seus filhos. Em seu diário de 1845 ela deixou escrito o seguinte: "*vejo com muita satisfação Ernesto e Leonardo partirem para levar pão e alimentos aos pobres e visitar os anciãos. Eles não gostam do barulho do carnaval e nem dos teatros. Leonardo ajuda seu primo, o Teólogo Roberto, no hospital São João preparando doentes para a primeira Eucaristia e para a comunhão de Páscoa...*"

Leonardo se preparava assim, com o estudo e com a prática das boas obras, para ser um apóstolo do amor e da caridade.

AS FÉRIAS...

Leonardo amava a vida e a natureza. Se tinha um esporte espiritual, as boas obras, praticava também, e com muito entusiasmo, um esporte físico: a escalada das montanhas. Já sabemos que amava o mar, a natação, mas seu grande amor foi o alpinismo. Começou andando pelas colinas de Turim onde a família possuía um amor de sítio, repleto de árvores seculares e bosques de castanheiras. Este sítio, sua morada no período das férias do verão que aconteciam entre o fim de junho e o início de setembro, era a base de suas excursões. As montanhas estavam ali, numa distância não muito grande e formavam um arco imenso. Entrar naqueles vales, subir aqueles picos, beber nas fontes, espelhar-se nas geleiras e nos límpidos lagos, colher as estrelas dos Alpes, sentir-se perto, muito perto de Deus, acima das nuvens, como as águas que lá nidificavam, era para ele o maior dos prazeres.

E na vida subiu sempre.. E, da mesma maneira que escalava os montes, escalou também o céu.

DEMÉTRIO, O TENTADOR..

No dia 06 de novembro de 1845, com a idade de 17 anos, Leonardo recebeu o hábito clerical na Igreja de Santa Clara. Quem o preparou para este momento e lhe impôs a batina foi o padre **PULLINI**, enquanto a mãe lhe preparou a veste talar, perfumando-a com suas orações e com o seu amor.

Poucos meses antes de sua vestição um primo advogado, chamado Demétrio, tentou fazer com que Nadino escolhesse outra vocação. Começou ponderando que a vontade de Leonardo era condicionada á vontade da mãe, a qual muito desejava ter um filho sacerdote; que ele ainda não tinha maturidade suficiente para se decidir por toda a vida; que devia conhecer o mundo, a vida, a sociedade e não se isolar num estado de vida que o tornaria um pária; que já havia tantos padres e não se precisava dele... Concluindo seus argumentos o convidou para uma viagem à Sabóia. Teria tempo e ocasiões de sobra para lhe tirar aquelas idéias da cabeça.

Nadino aceitou o convite. Quem "**se converteu**", no final, foi o primo que escreveu de Nice ao Pe. Roberto dizendo: "*Leonardo é um companheiro de viagem extraordinário. É atencioso, cortês e gentil para com todos. Interessa-se de tudo e conhece muitas coisas. Sua modéstia e sua piedade são edificantes. É um jovem criterioso com uma alma muito transparente. Cada dia me convenço sempre mais da seriedade de sua vocação e de que será um bom sacerdote*".

AINDA O BOM PADRE GIGANTE...

È comovedor e ao mesmo tempo cheio de encanto o relacionamento entre o jovem clérigo e o Pe. Pullini, já velho e meio alquebrado no corpo, mas não no espírito.

O abade **PULLINI** tivera uma juventude brilhante. Já fora um bonito rapaz, que vivera na corte imperial como pajem de Napoleão. Na véspera de entrar na academia militar de **Saint Cyr**, em Paris, sofreu uma desgraça enorme. Sua irmã de 19 anos faleceu inesperadamente, deixando-o profundamente abalado. Decidiu, então, vestir não o elegante uniforme de oficial imperial, mas a batina preta do Sacerdote.

Napoleão e a corte procuraram dissuadí-lo com promessas sem fim, mas nada o removeu. Um dia, depois de ter contado sua vida para o jovem clérigo, perguntou: "*Leonardo querido, o que seria de mim agora na eternidade, se não tivesse escutado a voz de Deus que me chamava?*"

Leonardo tinha ouvido, com emoção, a narrativa de Pullini e diante da pergunta "*sentiu*

calafrios" e nada pôde responder.

Aquela pergunta não respondida, que continha, porém, uma resposta implícita, vibrou profundamente em sua alma juvenil e, na **CARTA TESTAMENTO**, já com idade avançada, fará a si mesmo a mesma misteriosa pergunta: "*o que seria de mim se não tivesse escutado a voz de Deus?*".

NO SEMINÁRIO.

Havia, na diocese de Turim, 3 seminários para os estudos teológicos. Um situado em **BRA**, cidadezinha do **ROERO**, a mais bonita e a mais fértil zona do Piemonte; o outro em **CHIERI**, não muito longe de Turim; o terceiro na mesma **TURIM**, denominado Seminário Metropolitano. Leonardo, porém, não entrou em nenhum destes seminários, continuou vivendo em família e frequentando os estudos na **UNIVERSIDADE REAL** onde havia uma cadeira especial para o Curso de Teologia.

Naquele tempo os candidatos ao sacerdócio eram muitos. Havia um padre, em média, para 200 pessoas. No século anterior ao Murialdo a média era mais alta ainda. Existia na Itália um sacerdote para 35 pessoas. Por isso os Cursos de Teologia eram muito frequentados, quer no Seminário, quer fora do Seminário. Murialdo tinha 50 colegas de classe, na maioria seminaristas. Entre eles encontrou amigos de verdade e foi discípulo de professores de renome.

Leonardo se dedicou aos estudos com uma intensidade fora do comum, sobretudo no que se referia à Sagrada Escritura que aprendeu a meditar e a amar.

Monsenhor *Bertagna*, colega admirador de *Leonardo* e um grande nome na história do clero de Turim, disse: "*ele se distinguia por sua inteligência viva e profunda. Era estudiosíssimo. Sempre obteve os primeiros lugares em todos os ramos da Teologia.*"

O TEÓLOGO MURIALDO...

Em 8 de maio de 1850, depois de superar, com brilhantismo, todos os exames, apresentou publicamente sua tese de doutorado diante do Ministro da Cultura do Reino Sabauo, uma pequena multidão de doutores em Teologia e um grande número de assistentes, parentes e amigos. Aprovado com menção honrosa tornou-se o **TEÓLOGO MURIALDO**.

Todos o chamava assim embora ele não gostasse muito do epíteto que lhe parecia soar mal e que, de certa maneira, ele julgava um acréscimo inútil á sua dignidade de filho de Deus. Renunciou a formar-se em **DIREITO CANÔNICO**, preferindo dedicar-se mais ao estudo da **MORAL**, da **ELOQUÊNCIA SAGRADA**, da **PEDAGOGIA** e da **SOCIOLOGIA**. Escolheu sobretudo o que o ajudaria e seria mais prático para o seu futuro apostolado.

CATEQUISTA, ASSISTENTE, ANIMADOR...

Antes ainda de tomar o hábito clerical, como vimos, ele já exercia obras de caridade paroquiais e extra-paroquiais.

Um companheiro de seminário, chamado **BERTEU**, assim testemunhou: "*jovem clérigo, Murialdo, frequentava os ORATÓRIOS fundados pelo Pe. COCCHI e Pe. JOÃO BOSCO, dando catequese, animando e assistindo os jovens.*" Ao mesmo tempo, com a adesão de uns companheiros de seminários, aderiu a idéia de criar a "**Associação do Clero Jovem**". que teria por finalidade ajudar os membros a se tornarem **SACERDOTES, E SACERDOTES SANTOS**. Preparava-se assim, com obras, estudo e oração para a grande missão de sua vida.

O SACERDOTE...

A ORDENAÇÃO

No dia 21 de setembro de 1850 o clérigo Leonardo recebeu o Sub-Diaconato, no dia 5 de abril o Diaconato e foi ordenado Sacerdote em 20 de setembro de 1851 na Igreja da Visitação. A sua primeira Santa Missa a celebrou em São Dalmácio, assistido pelo "*Bom Abadão*". A única tristeza daquele dia foi que a sua querida mãe não estava presente. Tinha falecido no dia 9 de julho do ano 1849.

Murialdo logo se dedicou com ardor e zelo ao ministério da pregação e da catequese em colégios de religiosos e na periferia da cidade, assistindo aos doentes nos hospitais, visitando os presos,

dedicando, sobretudo, seus cuidados aos jovens pobres e carentes, entre os quais atendia, de maneira especial, aqueles meninos que vinham de longe para ganhar sua vida na cidade e comiam o magro pão de cada dia limpando chaminés.

Participava também das Conferências de São Vicente recém-nascidas em sua cidade, se desdobrava para dar uma profissão a jovens carentes do Oratório do Anjo da Guarda e outros. Não trabalhava como vigário paroquial, mas seu campo de trabalho era muito mais vasto e mais abrangente.

UM ENCONTRO, UMA DECISÃO...

Murialdo nem suspeitava, mas havia dois Santos, **SÃO JOSÉ CAFASSO** e **SÃO JOÃO BOSCO**, que estavam com os olhos em cima dele.

Foi **São João Bosco** que o observou durante longo tempo e depois perguntou ao Pe. Cafasso: "**Diga-me, qual sua opinião a respeito do teólogo Murialdo. Estou pensando em convidá-lo a trabalhar comigo**".

O Pe. Cafasso respondeu: "**Olha, é pano e do melhor! Sabe lidar com crianças e jovens. É um santo, com certeza, não menos daquele primo dele, Roberto Murialdo**".

São João Bosco não perdeu tempo. Numa manhã de 1857, logo depois de Murialdo celebrar a Santa Missa, o esperou na porta e lhe pediu com toda simplicidade: "**Senhor teólogo, não me quer pagar um lanche?**" Entraram no **Café dos Alpes**, tomaram um chocolate quente, conversando a respeito de banalidades, até que, de supetão, Dom Bosco lhe fez a inesperada proposta: "**Querido teólogo, não poderia me ajudar no Oratório de São Luiz tomando a direção?**"

A resposta de Murialdo não demorou. Bastaram-lhe alguns segundos de reflexão para dizer: "**Se o Senhor acha que estou capacitado, pode contar comigo**".

Nascia uma aliança entre dois homens de Deus, uma santa conspiração para o bem de muitos. Assim no dia 26 de julho de 1857 Murialdo assumiu a direção daquele Oratório.

O reitorado de Murialdo apresentou logo duas características. Leonardo nunca quis bancar o superior mas o amigo e sua preocupação maior foi de transformar seus colaboradores em verdadeiros educadores. Foram os princípios que o animaram sempre e que sempre conservou, também quando fundou a Congregação religiosa de São José.

Ficou no Oratório até 1865. Durante a sua gestão criou escolas noturnas, levantou uma banda musical, ampliou o espaço para acolher mais jovens no Oratório e não descuidou a formação dos seus colaboradores entre os quais estava um clérigo, **MIGUEL RUA**, que se tornou depois o braço direito de Dom Bosco.

GUERRA NA BEIRA DO RIO...

Conta-se que uma tarde Pe. Leonardo estava andando nas margens do Pó, porque sabia haver naquela zona dois grupos de crianças que viviam ao léu e, não raramente, travavam batalhas entre si para disputar um lugar onde dormir e um território onde morar.

A um certo momento foi atraído por uma destas batalhas. Num pequeno descampado, perto de uma ponte, voavam pedras e paus e os grupos rivais estavam empenhados numa violenta luta corpo a corpo. Correu para lá. Ao vê-lo os pequenos guerreiros se dispersaram imediatamente, escondendo-se nas vizinhanças. Ficou no campo de batalha, ensanguentada e chorosa, uma criança, sem forças para se levantar e fugir. Murialdo se avizinhou, tomou nos braços o menino que não opôs nenhuma resistência e o carregou, como o Bom Pastor, em direção do Oratório.

Pouco a pouco se formou um cortejo atrás dele. Os pequenos lutadores, que tinham visto tudo de seus esconderijos e conheciam aquele como um amigo, acompanharam Murialdo até o Oratório, em silêncio e arrependidos.

Murialdo não perdeu a ocasião. Falou aos dois grupos rivais com tanto amor e compreensão que eles fizeram entre si um tratado de paz. Atraídos por sua bondade os componentes dos dois bandos começaram a frequentar o Oratório e aprenderam uma profissão digna e honesta.

ABRIR UM ORATÓRIO É FECHAR UMA PRISÃO....

Murialdo deixou muitos manuscritos repletos de reflexões atuais e oportunas. Neles existem inúmeras referências aos **ORATÓRIOS**. Diversas vezes aparece a expressão: "**ABRIR UM ORATÓRIO É FECHAR UMA PRISÃO**".

Em 1880, quando Murialdo inaugurou o **Oratório do Sagrado Coração** na localidade de Rívoli, explicou este pensamento de maneira bem clara.

"**Diz-se - afirma Murialdo - que abrir uma escola é fechar uma prisão. A experiência, porém, condenou esta sentença. Multiplicando a instrução profana e deixando de lado a instrução religiosa, não diminuíram mas quadruplicaram os crimes. Não só não se fecharam as**

prisões antigas, mas foi necessário criar novas prisões. Isto não por causa da instrução que foi dada, mas porque faltou a instrução religiosa."

TER UMA PROFISSÃO É GARANTIR O FUTURO...

Quando no **ORATÓRIO SÃO LUIZ**, ou mesmo no **COLÉGIO ARTIGIANELLI**, abria novos cursos de escola primária e profissional, sempre lembrava aos jovens que *"ter uma profissão é como ter uma chácara sobre a qual nunca cai chuva de pedra. Ter uma profissão é ter casa para morar e comida para se alimentar"*.

A CRIATIVIDADE DE QUEM AMA...

Na Turim do século passado existiam proprietários que montavam pequenas fábricas chamadas **OFICINAS**. Dava dó ver como as crianças trabalhavam de 12 a 14 horas por dia, numa promiscuidade escandalosa. E Murialdo escreveu: *"O que são as OFICINAS? São uma deplorável mistura de homens e jovens, de meninos e meninas. Como tirá-los de lá?"*

Aos domingos ia em procura daquelas crianças, chamando-as ao longo das margens do rio Pó, ou nos bairros pobres, com uma sineta. Precisava atraí-los com muita paciência e com a promessa de algum presente para convencê-los a irem brincar no Oratório. Lá organizava jogos e Murialdo em pessoa participava deles com muito empenho e alegria.

Depois do divertimento os levava à Igreja para o catecismo e as funções dominicais. Muitas vezes, depois do recreio, havia uma debandada geral. Só com grande doçura e imensa paciência conseguia segurá-los, sem nunca ralhar com eles, pois levantar a voz com aquela molecada era afastá-los definitivamente.

Assim, pouco a pouco, conseguiu dar ao Oratório um tom de disciplina que tem algo de milagroso. Reunir 500 meninos (o que acontecia nos domingos no Oratório São Luiz), estabelecer com eles um horário de jogos e um horário de instrução e cumprir este horário, era um verdadeiro milagre de organização.

PELOS JOVENS E PELA IGREJA...

No dia 08 de dezembro de 1857 as Conferências de São Vicente de Turim se reuniram em assembléia. Estavam presentes Dom Bosco e Murialdo que, tomando a palavra, falou dos Oratórios e das famílias carentes de seus assistidos e apontou um perigo: *"Os protestantes valdenses, - disse, - abriram uma escola e estão difundindo o erro. Bossuet chamava os protestantes de NOS FRÈRES SEPARÉS (nossos irmãos separados). Tratemos com eles e falemos a eles com mansidão. A palavra toca os sentimentos."*

Murialdo sempre agiu firme e resolutamente em prol da Igreja Católica, mas nunca se deixou levar pela animosidade e pelo fanatismo.

FRACASSA MAS NÃO DESANIMA...

Murialdo valorizava tudo o que podia atrair e educar crianças e jovens: *jogos, ginástica, excursões, passeios, teatros...*

Em 1858 fundou uma escola de música e comprou, com seu dinheiro, os instrumentos para montar uma banda.

A experiência durou pouco. Logo se deu conta que a escola era um buraco na água. *"Nada está perdido, - comentou humoristicamente. - Desta escola não sairia, com certeza, trombone algum para a banda da guarda real."*

DINHEIRO? ONDE ARRUMAR DINHEIRO?

O dinheiro era um problema muito sério. Os Oratórios careciam de tudo. Para ministrar a catequese havia necessidade de salas e estas não existiam, deviam ser construídas. A Capela da Igreja constava de quatro paredes e alguns bancos de madeira carcomida: precisava-se de reformas urgentes. Toda aquela molecada necessitava também de um lanche que muitas vezes era o único lanche do dia. Salas, bancos e pão exigiam dinheiro e o dinheiro faltava e devia ser

procurado. Começou gastando tudo o que tinha de seu, depois foi pedindo aos colaboradores mais próximos e aos benfeitores.. Nos momentos mais críticos até esmolou nas portas das Igrejas... Quanto isto lhe tenha custado, sendo ele de família rica, nobre e muito conhecida, quanto lhe tenha custado engulir indiretas e deasaforos por parte daqueles que o conheciam e lastimavam suas atitudes, Deus unicamente conhece. Só um santo tem a força moral de enfrentar, por amor dos outros, humilhações semelhantes.

ATIVIDADE SIM, MAS...

Há momentos na vida de Murialdo que nos revelam mais profundamente seu espírito, seus sentimentos, sua vida interior. A começar de sua ordenação sacerdotal, Leonardo exercia um apostolado intenso. Trabalhava sem parar em oratórios, em hospitais e cárceres, com a boa imprensa, no ministério sacerdotal. Mas procurava também tempinhos para respirar, para acumular novas energias. Não para se divertir, mas para rezar, por motivos de estudo, para empreender viagens em busca de novas idéias, novas metodologias, novas alternativas.

EM PARIS...

De setembro de 1865 até outubro de 1866 esteve em Paris e se sentou nos bancos do Seminário de São Sulpício, como aluno comum, para aprofundar sua teologia. Mas não esqueceu a sua missão. Visitou, nos dias de folga, os "**PATRONAGES**", as "**OEUVRES DE JEUNESSE**", as instituições de caridade e os centros sociais para operários, existentes na França; foi até Londres, onde se inteirou dos trabalhos ligados com a educação e feitos por católicos e protestantes, para haurir novas experiências. Voltou para Turim em outubro de 1866 com muitos projetos e com uma intenção bem determinada: "... **hei de introduzir muitas reformas úteis para os jovens e para os oratórios, e espero também iniciar, na minha Turim, alguma instituição para operários e filhos do povo**".

Mas Deus tinha outros planos. Esperava-o para lhe confiar uma missão bem diferente daquela que sonhava.

UM COLÉGIO PARA PEQUENOS ARTESÃOS...

Quem hoje visita a cidade de Turim, que é, sem dúvida, uma das mais bonitas cidades da Itália, encontra, em pleno desenvolvimento, no Corso Palestro, o **COLÉGIO ARTIGIANELLI** que em língua vernácula soa: **COLEGIO DOS PEQUENOS ARTESÃOS**. Nele recebem educação integral 150 jovens, na maioria necessitados, que saem do Colégio com uma profissão que lhes garante um futuro honesto e digno.

Este Colégio foi fundado em 1849 por um Sacerdote chamado Pe. Cocchi, que tinha idéias muito avançadas para a época e uma visão dos tempos muito clara. Embora muito estimado pelo governo do Piemonte, era visto e considerado pela Cúria Arquidiocesana de Turim como um liberal a ser tratado com frieza e desconfiança.

O Pe. Cocchi levou adiante a sua idéia com fé e perseverança superando dificuldades de toda espécie. Começou com 3 órfãos em 1849, chegando a mais de 150 em 1866 quando o Reitor já não era ele, mas Pe. Berizzi.

Em 1866 a situação do Colégio era caótica por causa da má administração e das dívidas enormes que não se conseguiam pagar. O Colégio precisava de uma nova direção. Os responsáveis do Colégio estavam procurando um novo reitor e unanimemente se fixaram na pessoa do Teólogo Murialdo que, na época, estava em Paris. Decidiram que, logo ao voltar, lhe seria feita a proposta. Todos o conheciam e alimentavam a certeza de que Murialdo aceitaria.

UM SIM PROVISÓRIO...

No dia 8 de outubro Murialdo voltou para Turim, sem nada saber da conspiração que se tramava a seu respeito. Estava com a cabeça cheia de novos planos e com vontade de recomeçar seu trabalho, introduzindo novas iniciativas e novos métodos.

No dia 9 o Teólogo Berizzi, o Reitor do Colégio Artigianelli e seu amigo íntimo, foi visitá-lo e, sem mais nem menos, lhe fez a proposta: "**Teólogo, não quer assumir a direção do**

Colégio? Pe. Cocchi, eu e todo o pessoal estamos lhe suplicando que aceite."

O Pe. Murialdo naquele dia tergiversou e resistiu. Conhecia a situação econômica daquele Colégio e sabia também que havia pequenas brigas internas. Murialdo, então, não deu nenhuma resposta afirmativa.

Mas Berizzi não desistiu. Voltou no dia seguinte, implorou, suplicou. Afirma Pe. Ernesto Canfari, que o teólogo Berizzi se atirou aos pés de Murialdo pedindo que aceitasse o cargo por amor de Deus e por amor da juventude pobre.

A razão, para Murialdo, era demais convincente. Não pôde mais resistir. Cedeu. Mas impôs uma condição: **"Aceito provisoriamente. No entanto o Sr. Teólogo deve procurar outra pessoa mais livre e mais hábil, à qual cederei imediatamente a direção."**

Foi um cargo provisório que durou 34 anos, isto é, o restante de sua vida.

São Leonardo Murialdo não é um homem distante e difícil... É um nosso irmão, é um nosso sacerdote, é um nosso companheiro de viagem que nos dá testemunho de caridade intensa para a salvação, a alegria e a formação humana e cristã da juventude. (Paulo VI)

O REITOR

NO COLÉGIO "ARTIGIANELLI"

Leonardo, embora atordoado pelo cargo que acabava de assumir por amor de Deus e da juventude pobre, arregaçou as mangas e se preparou intensamente para o novo trabalho. Em primeiro lugar se dedicou com mais tempo e com mais fervor à oração, pois a melhor preparação é sempre garantir a presença de Deus na vida da gente. Depois se inteirou profundamente dos problemas do Colégio e se aconselhou com todos aqueles que o podiam ajudar na tarefa que iria assumir. Pensava sim que a tarefa estava além de suas forças, mas alimentava também uma tênue esperança de que se encontrasse outra pessoa mais capaz e mais preparada. É supérfluo dizer que esta pessoa nunca foi encontrada.

Assumi oficialmente a direção do Colégio no dia 12 de maio de 1867.

Temos uma descrição física de São Leonardo Murialdo feita por um professor que trabalhava naquela época no Colégio. **"Tinha a fisionomia séria, - relata - os cabelos cortados à moda francesa, de pequeno tamanho na parte anterior da cabeça e bastante compridos sobre a nuca, a batina curta... Dava a impressão de uma pessoa sem recursos, muito pobre"**.

Murialdo já conhecia o Colégio, pois exercera nele o cargo de confessor dos jovens e privava frequentemente com os membros da direção anterior, sendo um deles, o Teólogo Roberto Murialdo, um primo seu, e o outro, Pe. Constantino, do qual tinha sido diretor espiritual...

CRITICADO ...

Não faltou quem criticasse abertamente por ter ele aceitado a direção. Os motivos eram constatações repletas de comiseração. **"Murialdo, - diziam eles, - estava desperdiçando sua vida e suas capacidades... O Colégio iria limitar seu campo de ação... Seu ministério sacerdotal seria prejudicado... Sua carreira eclesial, que se previa muito brilhante, estava para sempre cortada..."**

A argumentação não o impressionou. Para ele uma carreira brilhante pouco significava. O que o preocupava era o sentir-se incapaz de poder dar ao Colégio o que o Colégio esperava dele. Pediu, então, o conselho de um grande mestre da época, Pe. Icard, o qual lhe confirmou que a decisão tomada era o caminho de santidade que Deus lhe apontava. Isto o tranquilizou.

DÍVIDAS E DIFICULDADES...

A situação do Colégio não dava possibilidades para uma vida fácil. Havia, de um lado uma situação econômica caótica. Por outro lado, com a mudança de direção, se manifestaram inúmeros problemas de ordem disciplinar e moral. Foi uma longa luta que Murialdo enfrentou. O problema econômico só foi resolvido no ano 1899, quando um conde de Guarene (localidade do Piemonte, situada no Roero), deixou toda a sua herança para o Colégio Artigianelli... Os problemas disciplinares e morais se normalizaram pouco a pouco. Em 1878 o mesmo Murialdo afirmava que **"em relação à disciplina e ao bem moral tudo parecia bem."** E os colaboradores também constataram esta verdade e o deixaram muito confuso quando lhe confidenciaram o seguinte: **"Trabalhar com o Senhor não nos dá merecimento nenhum. O Senhor é tão bom ... é como trabalhar num jardim"**. Adulação? Não. Constatação de uma realidade.

UM PAI, UM EDUCADOR, UM FORMADOR...

Murialdo criou no Colégio um clima de confiança com seus colaboradores e com os jovens. Um juízo categórico e sintético de Pe. Donat, um francês que visitou em 1879 a obra dos Artigianelli, nos dá uma idéia do ambiente do Colégio: *"Existe abertura. Não há esconde-esconde, o que é sempre raiz de muitos males. Os jovens se aproximam dos superiores, não manifestam tristeza. Observa-se que existe espírito de oração e se ama o bom Deus... Os jovens encontram aqui uma família"*.

Pe. Reffo, segundo sucessor de São Leonardo e seu colaborador, afirmou: **"os jovens guiados por Murialdo deram mais consolações que desgostos e a maior parte aproveitou a ótima educação que lhes foi dada levando, depois, vida honesta e cristã"**. O elogio adquire significado quando se considera que aqueles jovens provinham da rua ou de ambientes paupérrimos e moralmente degradados.

A providência nos legou preciosos manuscritos do nosso santo, onde estão registrados os ensinamentos com que ele orientava as pessoas envolvidas na educação dos Artigianelli. Temos anotações do ano 1880 que definem seu sistema de educação. São pontos fundamentais, sempre válidos, porque profundamente humanos. Resumimos algumas idéias somente.

* **Os educadores devem ter uma meta única.** Só terão sucesso se possuírem uma fome intensa de fazer o bem a si mesmo e aos outros.

* **Os educadores devem ter um só coração.** A equipe dos formadores deve ser uma equipe que ame de verdade.

* **Deve haver entre os educadores unidade de ação e amizade,** não somente concórdia. *"O educador deve ter em vista o que de mais precioso existe na sociedade, as crianças e o que de mais precioso existe nas crianças, o coração..."*

* **Os melhores monitores são a Religião, a Educação, e os sentimentos.** Com o afeto dá-se à instituição um caráter de família e não de colégio, para o ambiente não cheirar a prisão. Portanto nada de frieza no trato, haja harmonia e cooperação, e não falte nunca a alegria. Gente alegre, Deus a ajuda.

Em 1867 os teólogos **Murialdo e Berizzi** fundaram a Associação de São José, conscientes de que esta associação seria a primeira pedra de uma futura Congregação religiosa.

Isto implicava num propósito e numa preocupação: ***dar aos colaboradores uma formação pedagógica e religiosa tal que fosse fonte de um espírito e de um carisma específico.***

UMA VEZ POR SEMANA...

Murialdo fazia aos colaboradores uma palestra por semana. Muita delas chegaram até nós e são suficientes para formularmos uma idéia de seu sistema educativo

Antes de tudo está clara a finalidade que Murialdo se propunha. Não queria simplesmente apresentar uma explanação de princípios pedagógicos e morais, mas ***visava uma espécie de consulta com uma tríplice finalidade:***

Fazer as comunicações e observações oportunas.

Refletir sobre assuntos que animassem os educadores a cumprirem os próprios deveres de maneira útil para os jovens e de merecimento para eles.

Ouvir dos professores e monitores algo que o aconselhasse e orientasse para melhor guiar o Colégio.

ENSINO PRÁTICO E PROFUNDO...

Não é fácil resumir os assuntos desenvolvidos nas conferências. Geralmente se tratava de ensinamentos práticos para monitores e professores, junto com uma sólida doutrina a respeito do crescimento da vida espiritual e da santificação do trabalho.

"O monitor - lemos, resumindo uma conferência - deve ser um mestre de costumes e o guarda da moralidade. Ele substitui os pais no dever mais importante, que não consiste no alimento do corpo e da mente, mas do coração. O monitor é um anjo visível que ajuda o Anjo da Guarda na sua missão: afasta os jovens dos perigos, os defende das insídias dos maus companheiros, admoesta e guia esses jovens peregrinos para a Jerusalém celeste... Ele é responsável, diante de Deus, pelas suas omissões e negligências, pela falta de amabilidade e por tudo aquilo que poderia fazer em bem dos jovens e não faz".

Os monitores, os professores e todos aqueles que estavam a serviço dos Artigianelli eram convidados a orarem de maneira especial para ***"consequirem a graça de cumprir bem os próprios deveres e em favor dos jovens"***, e acrescentava que ***"se conseguem maiores frutos onde os educadores são mais santos"***.

Muitas vezes parava em particularidades, detalhando ***como o monitor devia agir***

praticamente no pátio, no dormitório, no refeitório, na capela... como os professores deviam cumprir bem seus deveres de estado apontando-lhes o estudo deste ou daquele manual, como podiam administrar conscienciosamente as aulas ou exercer de maneira correta a disciplina.

Apontava a **paciência e a doçura** como as virtudes do educador.

A **respeito dos castigos** insistia que fossem dosados com espírito de prudência e amor, tivessem finalidade pedagógica e não punitiva e possuíssem as seguintes características: **Raros**, como os remédios, **adaptados às circunstâncias, proporcionados e não multiplicados.**

“Bater não corrige, piora, - afirmava. - Jamais usar as mãos para bater. Deixar sem comida também nunca. São preferíveis os castigos morais. Temos nota de comportamento, temos o recurso ao superior, podemos recorrer aos parentes..”

* **Os educadores devem ter uma meta única.** Só terão sucesso se possuírem uma fome intensa de fazer o bem a si mesmo e aos outros.

* **Os educadores devem ter um só coração.** A equipe dos formadores deve ser uma equipe que ame de verdade.

“Deve haver entre os educadores unidade de ação e amizade, não somente concórdia. “O educador deve ter em vista o que de mais precioso existe na sociedade, as crianças e o que de mais precioso existe nas crianças, o coração...”

* **Os melhores monitores são a Religião, a Educação, e os sentimentos.** Com o afeto dá-se à instituição um caráter de família e não de colégio, para o ambiente não cheirar a prisão. Portanto nada de frieza no trato, haja harmonia e cooperação, e não falte nunca a alegria. Gente alegre, Deus a ajuda.

Em 1867 os teólogos **Murialdo e Berizzi** fundaram a Associação de São José, conscientes de que esta associação seria a primeira pedra de uma futura Congregação religiosa.

Isto implicava num propósito e numa preocupação: **dar aos colaboradores uma formação pedagógica e religiosa tal que fosse fonte de um espírito e de um carisma específico.**

Aquilo que recomendava assiduamente eram pureza de coração e de tratamento, não fazer acepção de pessoas e muito cuidado para não cair em afetividades doentias.

No fundo o que visava era uma família educadora e todas as suas conferências pregavam a necessidade de unir entre si educandos e educadores, alunos e superiores, num laço de intimidade, confiança e amizade tais que todos sentissem que aquele não era um colégio, mas uma grande e bem unida família.

ONDE ESTAVA MURIALDO DE NOITE?

Eram altas horas da noite. **Um rapaz sentiu-se mal.** Podia ser coisa grave porque a febre era muito alta e havia crises de delírio. O que fazer? O assistente foi procurar o Reitor para ver quais providências se deviam tomar. Bateu à porta do quarto. Ninguém respondeu. Bateu de novo, com mais força. Lá dentro só silêncio. Criou coragem, abriu a porta e entrou. Do Reitor não havia um sinal sequer. A cama estava toda arrumada. Ninguém ainda se deitara nela. Onde estaria Murialdo às três da madrugada? Encontrou-o rezando na Capela e tão absorto na oração que não foi pouco seu esforço para interrompê-lo e relatar-lhe o caso.

Um colaborador de Murialdo chegou de viagem depois da meia noite. Antes de ir deitar quis passar na Capela para agradecer a Deus. Lá encontrou Murialdo tão mergulhado na oração que não percebeu sua presença. Murialdo rezava alto, em latim, numa posição que parecia de êxtase. O colaborador se assustou, saiu da Capela batendo a porta e foi ao quarto. Pouco depois voltou de novo para apagar sua curiosidade e tirar as dúvidas. O nosso santo ainda estava lá, mas agora numa posição normal...

Irmã Antonieta, a sacristã, surpreendeu muitas vezes Murialdo rezando durante as horas da noite e assumindo, na oração, atitudes de quem está tão mergulhado no que faz, ao ponto de nada ver e perceber ao seu redor.

Perguntaram certa vez ao Murialdo o que lhe acontecia. Ele afirmou simplesmente que, com certeza, estava dormindo...

O fato é que passava muitas noites rezando. Como ele pudesse enfrentar as duras tarefas do dia e depois tivesse ainda forças para passar noites e noites em oração, isto é que não se pode explicar. Murialdo amava a Eucaristia. Por isso se entretinha muito tempo com Jesus Eucarístico.

Quando viajava, ao vislumbrar o campanário de alguma Igreja, convidava os acompanhantes a se lembrarem de Jesus na Eucaristia. Tinha também devoção especial ao Sagrado Coração de Jesus. Era na meditação do Amor de Jesus que hauria toda aquela espiritualidade e vitalidade que lhe dava forças para servir pequenos e humildes.

Murialdo tinha uma confiança inabalável na Virgem Santíssima. A lâmpada do amor a Maria

sempre ardeu no sacrário de seu coração. Lembrou, morrendo, a todos os colaboradores: "*Sede muito devotos de Nossa Senhora*".

Confiava também em São José com um abandono filial. Um dia o açougueiro quase o agrediu porque ainda não saldara a conta e, ao mesmo tempo, o padeiro ameaçou suspender o fornecimento do pão se não pagasse imediatamente o que lhe devia... Murialdo tinha toda a boa vontade de quitar seus compromissos, mas não havia dinheiro. Mandou, então, colocar a imagem de São José sobre o cofrezinho das esmolas, e comentou: "*São José é nosso Pai. Vendo nossas necessidades providenciará*". São José nunca o iludiu.

E AO LONGO DO DIA?

Muitas vezes estava na Capela. Sempre marcava ponto quando os "Artigianelli" ou seus colaboradores estavam lá, para a Santa Missa e outras práticas de piedade, a menos que estivesse impossibilitado ou ausente.

De dia se encontrava, com muita frequência, no meio dos jovens, principalmente durante os recreios. Conversava com eles, jogava com eles, sentia-se bem entre eles.

Em favor dos jovens fazia de tudo, até pedia esmola, pois o Colégio nadava na pobreza mais triste. Visitava as famílias dos pobres que estavam ao seu cuidado, ia às prisões para confortar os detidos, aos hospitais para visitar os doentes.

Quando solicitado, pregava retiros, atendia confissões nos diversos Institutos Religiosos da cidade, fazia palestras a todo tipo de pessoas, participava das reuniões de sacerdotes, de leigos e de políticos. Não fazia absolutamente política partidária. Sua atividade consistia em defender os menores até com projetos de lei, que ele mesmo elaborava e apresentava aos edis da cidade para que os adotassem e aprovassem.

Frequentemente participava de Congressos em favor do operariado, em Turim, na Itália e até fora da Itália. Viajava muito, mas sempre e só para abrir horizontes de trabalho na defesa dos oprimidos e dos pobres.

Lidava com todos, também com as autoridades. Onde podia fazer o bem o fazia sem medo, sem timidez, sem limites.

AS TRÊS PAIXÕES DE SÃO LEONARDO...

Murialdo tinha três paixões... *As crianças e a juventude pobre, os operários oprimidos e injustiçados e a boa imprensa*. Gastou toda a sua vida empenhado neste campo de luta, haurindo forças na oração e no amor e arregimentando pessoas para compartilhar com elas seu ideal e suas batalhas.

A 1ª Paixão

Suas atividades com os menores são amplamente conhecidas e apreciadas. Desde sacerdote recém formado se associou a Dom Bosco e trabalhou nos oratórios de Turim trazendo, com suas iniciativas, um novo impulso, um renovado fervor e os métodos mais modernos, respigados na França e na Inglaterra. Chamado pela Providência a dirigir o Colégio Artigianelli, sua dedicação se intensificou. Para que este trabalho tivesse continuidade depois de sua morte, criou a Congregação de São José, na qual ele revive, atualizado e ardente, com todo seu espírito de amor aos menores

Além de cuidar dos jovens pobres e abandonados, lutava arduamente em favor dos menores operários. Colaborou na fundação da ***SOCIEDADE DA SANTIFICAÇÃO DO DOMINGO*** cujos sócios se empenhavam em conseguir que os operários em geral, e os menores em particular, não fossem obrigados a trabalhar no dia do Senhor. Na obra patronal, dedicada a São Martinho, sugeriu a iniciativa de recolher milhares e milhares de assinaturas para que fosse mudada a injusta legislação do trabalho, relativa às crianças e às mulheres, porque crianças e mulheres produziam tanto quanto os homens, mas tinham somente a metade do salário do homem. Enviou ele mesmo projetos de lei aos edis da cidade, apelando à consciência e à humanidade dos legisladores. Não conseguiu muito, mas era a pedrinha que começava a rolar e se tornaria, com o passar do tempo, uma grande avalanche...

Não só sugeria fazer, mas fazia. Criou oratórios, colônias agrícolas, escolas profissionais, colégios, casas-família... recolheu meninos de rua, filhos de imigrantes, crianças de reformatório... instituiu pensões para estudantes e pensou também, sem poder realizar, em locais para abrigos noturnos

A 2ª Paixão.

Não trabalhou menos em prol dos operários. Sabia que educando a família se protegem as crianças. Eliminar o mal pela raiz, eis o que ele visava. “*O homem tem direito à vida, à liberdade, ao trabalho porque o trabalho é a extensão do homem. Toda propriedade que é fruto de trabalho honesto cria direitos. O homem tem direito à vida e a tudo o que é necessário para viver. Deus lhe deu um meio para conseguir isto: o trabalho. A sociedade deve colocar à disposição do homem a possibilidade de trabalhar na medida da necessidade e capacidade de cada um, porém na dignidade e na liberdade.*” E mergulhou na luta para a preservação da dignidade e da liberdade do operário.

Eis então Murialdo colaborando com a fundação da **AÇÃO CATÓLICA JOVEM DE SÃO JOSÉ** formada de universitários, bacharéis, e profissionais, uma das primeiras associações católicas de Turim que tomou a causa dos operários e lutou por esta causa. Notando, porém, nesta associação a ausência dos operários convocou um grupo de trabalhadores para tomarem parte... Ele mesmo procurou um lugar para as reuniões, colaborou para que tivesse um estatuto... Assim esta associação pouco a pouco se transformou numa força regional que tomou o nome de **UNIÃO OPERÁRIA CATÓLICA**. As associações se multiplicaram também fora de Turim, nas principais cidades do Piemonte, e foram a voz mais forte em favor do operário italiano.

Murialdo, no entanto, aprofundou o assunto participando de muitos congressos na Itália e na França, e se empenhou a fundo nesta obra. Quando o Papa Leão XIII lançou a famosa encíclica *Rerum Novarum*, a União Operária Católica exultou, porque seus programas, suas atividades eram perfeitamente conformes à doutrina do Santo Padre.

A 3ª Paixão

A terceira paixão de Murialdo foi a **IMPRENSA**. O Piemonte, e Turim em particular, foram o berço da imprensa italiana. Podemos dizer que desde a primeiras metade do século XIX houve uma competição acirrada entre leigos e católicos na emissão de periódicos. Ao editar-se um jornal anti-católico, muita vez se respondia lançando um jornal católico. O exemplo pegou e foi seguido por outras cidades da Itália, multiplicando-se, assim, os número dos jornais circulantes.

Murialdo intuiu o valor da imprensa. Como Diretor do **COLÉGIO ARTIGIANELLI** que já tinha seu boletim, “Leituras históricas”, editou outros periódicos (Âncora da Itália, Biblioteca histórica, Guias de leitura...) e promoveu tudo aquilo que podia ajudar o jovem a crescer como homem e como cristão. Foi também um dos fundadores da **VOZ DO OPERÁRIO** que foi, sem dúvida, um dos mais fortes baluartes do catolicismo em Turim no ocaso do século XIX e por boa parte do século XX.

Pensando dar vida a uma união tipográfica católica, participou a congressos jornalísticos na Itália e na França, sustentando a necessidade de uma boa imprensa e também a necessidade de um preço acessível para que todos pudessem adquirir seu jornal.

Criou as bibliotecas populares circulantes e quis que toda obra por ele fundada tivesse sua biblioteca circulante, com livros bons e próprios para os jovens. Desde 1869 a 1899, um ano antes de sua morte, compilou cada ano um catálogo de livros para a juventude, para que fosse **GUIA PARA LEITURAS** sadias e santificantes.

EXTRAORDINÁRIO NO ORDINÁRIO

“*Quem não ama está nas trevas*”, (1João 2,10), não sente o calor de Deus, não tem o esplendor da graça, não vive a vida do justo, nunca será santo.

“*Filhos, - recomendava São João, - amai-vos uns aos outros como Jesus vos amou*”, porque onde está a caridade e o amor ali Deus está.

Murialdo intuiu o Amor de Deus meditando sobre o amor de mãe, de sua mãe, e sempre procurou responder a esse amor amando com delicadeza e profundidade o próximo, os jovens pobres em particular.

Foi um amor alimentado cada dia com a oração, com a união com Deus, com o sacrifício. Expressava-se nas pequenas coisas, que parecem, às vezes, até banalidades, mas beiram a heroicidade quando não são um ato isolado, mas duram uma vida.

Colheremos *três fatos de sua vida*, entre muitos outros, para indicar como exercia de maneira simples e prática seu amor pelo próximo.

ACONTECEU...

* O Colégio estava superlotado. As dívidas oprimiam a obra de tal maneira que não havia outra solução senão diminuir o número dos internos para que não faltasse o necessário para alimentar os restantes.

Reuniu-se o Conselho, presidido pelo nosso santo, para decidir quem devia ser afastado. O critério? Demitir-se-á quem tiver uma família em condição de dar ao filho um mínimo de bem-estar material e moral.

Não se chegava, porém, a nenhum acordo. Analisar com o coração leva muita vez a conclusões alheias à razão.

A uma certa altura o porteiro bateu na porta e comunicou: “*Senhor Reitor, esperam-no na portaria*”. Pediu licença e na portaria encontrou uma mulher tuberculosa que lhe suplica, chorando, de receber seus dois filhos no Colégio... Vendo a situação de desespero daquela pobre mãe Murialdo aceitou.

E a reunião acabou com dois internos a mais...

* Um hóspede chegou perto da meia noite. Todos dormiam exceto São Leonardo que estava em oração na Capela. O nosso Santo o acolheu com muito amor, lhe serviu o jantar e lhe deu a própria cama para passar a noite, pois não havia outro lugar disponível.

Ele? Ele foi “*dormir*” na Capela.

* Murialdo chegou a Orbassano pela uma da tarde, depois de uma longa caminhada, a pé, sob o sol implacável de julho. Precisava descansar e comer alguma coisa e foi bater na casa Paroquial onde era vigário um sacerdote muito amigo.

“*O Vigário está descansando*” - informou a secretária da casa paroquial.- “*Trei avisá-lo imediatamente. A quem devo anunciar?*”

Murialdo disse que não se tratava de coisas importantes. Para não interromper a sesta do vigário, continuou em jejum e cansado seu caminho. Dirigia-se a Volvera distante ainda uma hora de viagem.

Sua delicadeza era tão grande que preferia sacrificar-se a si mesmo antes de causar um mínimo transtorno aos outros.

UMA DÚVIDA...

Sacrificar-se assim pelos outros desperta uma dúvida: “*Será que São Leonardo Murialdo amava a si mesmo? Sacrificar-se tão intensamente pelos outros, não indicaria nele uma certa dose de masoquismo, ou ao menos de estoicismo e indiferentismo a respeito de si mesmo?*”

Não, com certeza. Ele cuidava de seu corpo, de sua saúde. Quando lhe era possível fazia, e com gosto, longas caminhadas com as quais fortificava sua saúde. Amava a ginástica e a natação. Em suas viagens, estando em localidades marítimas, não deixava de dar seus mergulhos no mar. Em seus escritos ele lembra com saudade esta diversão, sobre tudo quando fala das águas quentes e calmas do litoral da Tunísia, para onde fora certa vez. Sua paixão, porém, e esta era uma paixão de família, era o alpinismo. Adorava escalar as montanhas que coroam a cidade de Turim. Atingiu, com seu irmão Ernesto, os cumes mais altos dos Alpes. Passava muita parte de suas férias, armado de picareta e amarrado em cordas, subindo paredões e geleiras, surpreendido, às vezes, por tempestades de neve e obrigado a procurar nos abrigos alpinos um lugar onde pudesse se proteger, enquanto uivava a tempestade.

São Leonardo amava a vida e a cultivava como um dom que Deus lhe dera não somente para si, mas para partilhá-la com todos. Sacrificar-se pelos outros, foi o jeito que ele encontrou para agradecer a Deus o maior de todos os dons: o chamado à existência.

OS ÚLTIMOS ANOS...

Um Santo que...

No Colégio Artigianelli de Turim comentavam: “*O teólogo Murialdo é um santo que não come, não bebe, não dorme.*” Sua alimentação era muito frugal: o indispensável para não adoecer. Não tinha hábitos de tomar bebidas fermentadas a não ser um pouco de vinho e raramente. Em geral bebia somente água e nunca fora das refeições. Passava boa parte da noite em oração na capela do colégio. A oração alimentava seu espírito.

As cruzes da doença e das dívidas...

Sua saúde, em geral boa, recebeu um grande abalo em 1884. Em dezembro foi acometido por forte bronquite que o obrigou a frear suas atividades, evoluindo, no início de 1885, para uma complicação: *pneumonia dupla*. Todos pensavam que não iria resistir. Recebeu então uma visita de Dom Bosco que lhe disse categoricamente: **“Teólogo, por esta vez não vai morrer. Deve ainda cuidar da nova família religiosa”**. No dia seguinte a febre o deixou. Dom Alimonda, Arcebispo de Turim, ao saber de sua doença e das palavras de Dom Bosco, passou na comunidade, confortou o convalescente e segredou aos confrades: **“Murialdo e Dom Bosco são as duas pérolas de minha Arquidiocese.”**

Dom Bosco morreu em 1888. Murialdo o considerava grande santo e prometeu rezar sobre seu túmulo uma Santa Missa com a participação de todos os rapazes do Instituto, se o santo o ajudasse a recompor as finanças do colégio que estavam em situação calamitosa. Não há explicação humana para aquilo que aconteceu. Houve ofertas generosas, as dívidas diminuíram consideravelmente, o déficit do balanço quase desapareceu e em 1899, na vigília da festa de São José, um conde chamado **Alexandre Roero**, legou aos “Artigianelli” a sua herança com a qual se saldaram, finalmente, todas as dívidas.

O Cinquentenário do Colégio...

A saúde de Murialdo, no entanto, não era boa. Cada ano era atormentado por bronquites e pneumonias que o debilitavam cada vez mais. Todavia não abandonou nenhuma de suas atividades. Diminuiu um pouco o ritmo, sem dúvida, mas não se aposentou.

Em 1899 celebraram-se as *bodas de ouro do Colégio Artigianelli*. Foi uma festa muito bonita e comovedora. Afluíram para o local diversas centenas de ex-alunos que o cercaram de carinho e gratidão. Ele, brincando, disse que era a despedida. Intuia que sua existência convergia para o fim.

Sua morte na aurora do novo século...

Veio o ano 1900. Murialdo estava feliz porque o Papa Leão XIII consagrara o mundo ao Sagrado Coração de Jesus. Nascia um século de grandes esperanças.

No dia 19 de março, durante as solenes funções litúrgicas da festa de São José, Murialdo não se sentia bem. Estava pálido, abatido, cansado, agitado. Conseguiu mal e mal chegar ao término das funções. Foi obrigado a acamar-se. A febre, impertinente e teimosa, lhe perpassava o corpo com ondas de calor e de frio. Nestas condições recebeu uma carta de um ex-aluno que lhe pedia alguns conselhos. Aproveitou uma saída do enfermeiro, levantou e respondeu. O esforço foi grande demais. Pouco depois o enfermeiro o encontrou desfeito, ofegante, mádido de suor. Viu sobre a mesa a carta e compreendeu. Dizer o quê? Não lhe restava outra alternativa senão calar, sacudir a cabeça e desafogar a alma pensando: **“É um santo, sem dúvida, mas...!”**

Murialdo, pressentindo a morte, pediu os sacramentos dos enfermos, os recebeu com muita fé tendo a seu lado todos os confrades da comunidade que rezaram com ele e por ele. Ao médico que lhe perguntou depois: **“como está, senhor teólogo?”**, respondeu: **“estou esperando”**. O que esperava aconteceu no dia 30 de março. Depois de ter recomendado aos presentes que fossem muito devotos de Nossa Senhora, apagou-se esboçando o último sorriso de sua vida.

A notícia abalou a cidade de Turim. Uma multidão imensa de pessoas apareceu no enterro, participou da Santa Missa na Igreja de Santa Bárbara e acompanhou o féretro até ao Cemitério Geral, onde seus restos mortais foram depositados no mausoléu da família Murialdo. Ficou pouco tempo no mausoléu. Logo mais foi transportado à Igreja de Santa Bárbara e, em ocasião de sua canonização, para a Igreja Nossa Senhora da Saúde, onde repousa até hoje.

Na glória dos altares.

Em 1910 abriu-se em Turim o processo ordinário informativo que é o primeiro passo para a canonização de uma pessoa.

Em 1963 o Papa Paulo VI, em pleno Vaticano II, diante de milhares e milhares de pessoas, o proclamou bem-aventurado. Na ocasião, o Santo Padre pronunciou um discurso belíssimo, definindo Murialdo um **“homem manso, gentil e santo, extraordinário no**

ordinário”. Entre outras coisas disse também que nós podemos resumir toda a sua vida nestas duas palavras, que foram o lema de sua vida: “*Agir e Calar.*” De fato a humildade e a laboriosidade foram as virtudes características de sua vida que foi totalmente dedicada ao amor de Deus e do próximo mais carente e mais pobre.

Poucos anos depois, no dia *3 de maio de 1970*, o mesmo Sumo Pontífice o declarou Santo proferindo, na ocasião, outra homilia que é uma obra prima de síntese espiritual e de profundidade de pensamento. Acabou citando um pensamento de Murialdo, que resume todo seu método e sua santidade: “*Nunca consideres a religião como coisa somente espiritual ou somente humana, mas sobrenatural e humana. Seja religioso, sim mas com bondade, doçura, espírito de amizade, naturalidade, desenvoltura, alegria...*” Isso Murialdo disse e isso viveu. E é este o motivo porque ele está muito perto de nós: foi um santo, mas um santo muito humano.

A CONGREGAÇÃO

O NASCIMENTO...

Ao tomar posse do Colégio Artigianelli, Murialdo encontrou dois jovens sacerdotes, Pe. Júlio Costantino e Pe. Eugênio Reffo, que foram os dois pilares sobre os quais apoiou sua obra educativa. Junto com eles e, apoiado no conselho deles, em 1867 lançou a primeira semente da futura congregação, instituindo a **CONFRATERNIDADE DE SÃO JOSÉ**. Visava “*colocar sob o patrocínio de São José a difícil tarefa da educação dos jovens pobres e dos artesãos, e alcançar a perfeição imitando o Santo Patriarca...*”

Esta associação teve seu regulamento aprovado em maio de 1868 pelo Arcebispo de Turim, Dom Ricardi. Apoiada e incentivada por Bispos e Sacerdotes e abençoada por Deus, firmou-se e cresceu admiravelmente. Pouco a pouco se tomou consciência que desabrocharia em Congregação Religiosa. E não aconteceu de maneira diferente. A Congregação Religiosa nasceu oficialmente no dia 19 de março 1873, na Capela do Colégio Artigianelli quando Murialdo, junto com três sacerdotes e dois clérigos, fez oficialmente sua profissão religiosa.

Os Sacerdotes foram Pe. Júlio Constantino, Pe. Eugênio Reffo e Pe. Sebastião Mussetti, enquanto os clérigos se chamavam Marcelo Pagliero e José Milanese. A nova flor foi batizada com o nome de **CONGREGAÇÃO DE SÃO JOSÉ**, designada com a sigla: “**C.S.J.**”

Aprovada em âmbito diocesano em 1875 e como Congregação de Votos Simples em 1897, recebeu a última e definitiva aprovação da autoridade papal no dia 4 de janeiro de 1904, quatro anos depois da morte do fundador..

A FINALIDADE...

“**Tornai-vos santos e depressa**”, costumava dizer Murialdo. A Santidade dos membros é a finalidade primeira da recém fundada Congregação. Esta santidade se alcança pela humildade e caridade. O nosso santo resumia isto recomendando: “**Façamos e calemos**”! Com a ação os membros da Congregação pretendem dar uma resposta ao amor infinito, eterno, misericordioso, atual e pessoal de Deus, e com o silêncio visam imitar a vida escondida e laboriosa de São José, o Padroeiro da Congregação.

A ação, porém, é direcionada. A Congregação deve atender *principalmente* as categorias socialmente mais necessitadas: **os filhos dos operários e a juventude pobre.**

Murialdo transmitiu no ambiente dos “Artigianelli” todo o seu entusiasmo para esta santa causa de modo tal que, entre 1873 e 1900, surgiram 80 vocações religiosas entre os jovens do colégio.

A Congregação de São José tem uma finalidade bem determinada: a educação e o amparo das crianças e dos jovens pobres. Exerce esta finalidade em oratórios, colégios, patronatos, paróquias e em todos os lugares onde ela se estabelece.

Podemos afirmar que os membros da Congregação dos Josefinos, em qualquer parte do mundo, se identificam pelo trabalho que sempre converge, de modo preferencial, para a juventude mais carente e mais abandonada.

Esta missão, porém, é alicerçada numa espiritualidade sólida, inspirada na vida pobre, escondida e laboriosa de São José, tendo como virtudes características a humildade e caridade e como motivação profunda dar uma resposta ao amor infinito, pessoal, atual e misericordioso de Deus. A Congregação assumiu o lema **AGIR E CALAR** que não é somente uma expressão de atitudes modestas, mas a intenção de tudo fazer, não em vista de sucesso e realização pessoal ou coletiva, mas unicamente para a maior glória de Deus.

Esta missão específica, junto com uma espiritualidade bem definida, forma o **CARISMA DOS**

JOSEFINOS DE SÃO LEONARDO MURIALDO.

ENQUANTO MURIALDO VIVIA...

A Congregação dos Josefinos de Murialdo foi fundada oficialmente em 1873, no dia 19 de março, na capela do Colégio Artigianelli de Turim.

Naquele mesmo dia se reuniram todos os 6 membros da nova Congregação junto com dois candidatos ao noviciado e foi eleito, por unanimidade de votos, o Superior Geral na pessoa do Teólogo Murialdo. Decidiu-se, outrossim, que Pe. Eugênio Reffo teria a tarefa de administrar a economia; os membros se reuniriam cada semana para oração e estudo; seria aberto imediatamente o noviciado para os dois postulantes; a saudação habitual entre os membros devia ser “*Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo*”; as iniciais **C.S.J** (Congregação de São José) estariam sempre como cabeçalho de todos os documentos e cartas e o emblema da Congregação seria **J.M.J** (Jesus, Maria, José)

A orientação de São Leonardo Murialdo foi decisiva. Houve um impulso inicial muito grande. Enquanto Murialdo vivia aumentou pouco a pouco o número dos confrades. Em 1900, ano da morte do Fundador, havia 15 obras funcionando no Piemonte e fora do Piemonte.

O pequeno grupo era muito estimado e solicitado. Os Bispos o olhavam com simpatia. Em 1875, no dia 24 de fevereiro, a pequena Congregação teve sua aprovação em âmbito diocesano, emanada por Dom Gastaldi, Arcebispo de Turim.

DEPOIS DA MORTE DE MURIALDO ...

Na manhã do dia 30 de março de 1900 São Leonardo Murialdo, na presença de muitos confrades, exalou sua linda alma e passou a morar no céu.

No dia 2 de abril, no Colégio Artigianelli, aconteceu pela primeira vez o Capítulo Geral da Congregação, composto de 13 Sacerdotes, para a eleição do novo Superior e dos membros do Conselho Geral. Foi eleito para o cargo de Superior Geral o Pe. Júlio Constantino.

Em 1904, no dia 1.º de agosto, a Santa Sé aprovou as normas básicas da Congregação, chamadas Constituições.

Em 1910 foi introduzido o processo informativo de beatificação de Murialdo concluído em 1913.

O desenvolvimento da Congregação continuou firme, embora mais lentamente. Foram abertas novas casas, cultivou-se a formação dos Confrades e se procurou, sobretudo, cultivar o espírito do fundador e difundir sempre mais seu carisma.

IDE POR TODO O MUNDO...

Mal passaram quinze anos que a nova Congregação saiu do Piemonte e assumiu a direção de colégios de pequenos artesãos em Gênova, depois em Veneza, Oderzo, Vicenza, Bassano, Rovereto, Correggio, Modena, Carpi e Zara, na Dalmácia. No Piemonte Murialdo fundou a Colônia Agrícola do Sagrado Coração de Jesus, perto da cidade de Rívoli e uma Casa-Família em Turim, que foi a primeira Casa-Família surgida na Itália.

A expansão do Instituto sempre foi constante e firme. Depois do primeiro impulso não foi muito rápida e por isto não encontrou as oposições e dificuldades que caracterizaram o crescimento de outras Congregações Religiosas da época. Em 1904 a Congregação chegou à Líbia, em 1915 ao Brasil, em 1922 colocou pé no Equador, depois, em 1935, na Argentina, estabelecendo-se em seguida no Chile, nos Estados Unidos, na Espanha, na Colômbia, no México, na Serra Leoa, na Guiné Bissau, na Albânia, Índia, Romênia.

AS MISSÕES...

Em 1904 a Congregação se abriu para as missões. A pedido do Consulado da Itália, um Sacerdote e dois irmãos leigos se estabeleceram em Bengasi, na Líbia. Deu-se um passo a mais em 1914, quando Dom Francisco Campos Barreto, Bispo de Pelotas, RS. (Brasil), esteve em Roma e em Turim solicitando sacerdotes para a sua diocese. Atendido, partiram para a cidade de Rio Grande Pe. Orestes Trombém e Pe. José Longo. No ano seguinte foram mais dois josefinos, Pe. Umberto Pagliani e o irmão Ermenegildo Guerrini. Assim foi possível assumir também uma paróquia em Jaguarão, na fronteira do Uruguai. Estava iniciada a grande caminhada dos josefinos em terra brasileira. Em 1928 os josefinos chegaram a Ana Rech,

Caxias do Sul, estabelecendo-se firmemente naquele município para depois se estenderem a Canela, Porto Alegre, ao estado de Santa Catarina (Araranguá e Orleans), ao Paraná (Londrina), a São Paulo Capital, ao Rio de Janeiro, a Brasília e, recentemente, à Bahia (Ibitorama). Houve, também, por breve tempo, uma estada dos Josefinos em Diamantina e Muriaé, no estado de Minas Gerais e em Colatina e Olivânia, no estado do Espírito Santo.

Em 1922, a pedido da Congregação Romana de Propaganda Fide, foi aberta uma missão no Equador, numa região chamada Napo, habitada exclusivamente por indígenas, esquecidos por todos e deixados num abandono completo.

Depois os passos foram mais amplos. Hoje os Josefinos trabalham na Itália, no Equador, no Brasil, na Argentina, no Chile, no México, nos Estados Unidos, na Espanha, na Colômbia, na Serra Leoa, na Guiné Bissau, na Albânia, Romênia, Índia, Gana

OS MEMBROS DA CONGREGAÇÃO

Há duas formas de pertencer à Congregação de São José: ou como *Sacerdote* ou como *Irmão*. Não há privilégios que favoreçam a categoria sacerdotal. **IRMÃOS e SACERDOTES** tem os mesmos deveres e os mesmos direitos. A diferença única consiste no fato que os primeiros recebem o sacramento da ordem e podem celebrar enquanto os Irmãos optam para não receber este sacramento.

Para entrar na Congregação o candidato, antes de tudo, entra em contato com alguma obra Josefina para conhecer a finalidade, trabalho e carisma. Em seguida faz seu pedido e é recebido como postulante. Estuda, então, a sua vocação numa casa de formação em algum ponto do país. Esgotado o período de postulandato, é admitido ao noviciado, que dura 360 dias, e tem sua conclusão com a primeira profissão dos votos religiosos de pobreza, castidade e obediência, válidos por um ano. A estas alturas o professo já é membro efetivo da Congregação. Durante um período de seis anos, enquanto faz seus estudos, o jovem emitirá cada ano seus votos temporários até que, em torno do sétimo ano, atingida a certeza de sua vocação, fará seus votos perpétuos.

SÊDE COMO AQUELES QUE SERVEM...

Na Congregação o encargo de dirigir é um serviço e não um status. Há um Superior Geral com o seu conselho que serve a toda a Congregação espalhada pelo mundo afora.

Existem na Congregação também Províncias que são um conjunto de obras unidas entre si por fatores de língua ou de afinidade cultural ou vizinhança territorial. As províncias têm um Superior Provincial com seu conselho, dependentes do Superior Geral mas com autoridade geograficamente limitada.

Cada obra tem seu superior, com seu conselho, dependentes do Superior provincial, mas com suficiente autonomia para caminhar e crescer e desenvolver o carisma que caracteriza todas as obras da Congregação.

Por sua vez toda a Congregação caminha num contexto de Igreja, sempre obediente ao Papa e ao Magistério, porque, como dizia Murialdo, **a obediência ao papa é a carteira de identidade dos verdadeiros católicos.**

UMA CONGREGAÇÃO IRMÃ

O tempo faz germinar a semente e crescer a árvore. Murialdo semeou e viu nascer e medrar a Congregação dos Josefinos que cultivou e orientou.

Mas não é sempre o semeador que colhe todos os frutos. De modo particular isto acontece para quem trabalha na vinha do Senhor.

Murialdo não fundou o ramo feminino da sua Congregação. Ele surgiu espontaneamente, como resultado lógico do desenvolvimento do carisma de Murialdo. Nasceu na década de 50, na Itália, enquanto era Superior Geral dos Josefinos Pe. Luigi

Casaril que, junto com uma irmã chamada Helena, foi seu fundador. É uma Congregação recente, mas abençoada por Deus. Tem a mesma finalidade do ramo masculino paralelo e já marca presença, fora da Itália, no Brasil, no Chile e no Equador. A Congregação das Murialdinas é intimamente ligada à Congregação de São José pelo espírito que a embala e pelo apostolado que pratica.

ENCANTADAS POR UM IDEAL...

Carisma de Murialdo não se cristalizou nas duas Congregações que seguem seu espírito: Os Josefinos de Murialdo e as Irmãs Murialdinas. Brilha também, e intensamente, na vida e no espírito de muitas outras pessoas que, encantadas pelo ideal que animou o nosso santo, fizeram dele o ideal de sua vida.

No Brasil, surgiram assim, o **INSTITUTO SECULAR SÃO MURIALDO**, A **ASSOCIAÇÃO DAS MÃES APOSTÓLICAS** e **OS LEIGOS AMIGOS DE MURIALDO**.

O INSTITUTO SÃO MURIALDO.

O que é **O INSTITUTO SÃO MURIALDO**? É uma associação de pessoas que, vivendo em seu lar e exercendo normalmente uma profissão que as sustente, procuram desenvolver uma espiritualidade murialdina e fazer de sua vida uma resposta ao Amor de Deus amando sobretudo crianças, adolescentes e jovens pobres.

Os que pertencem ao Instituto estão intimamente ligados entre si por retiros, congressos e Consagração através dos votos de Pobreza, Castidade e Obediência. Estão espalhados no Brasil e no Chile. É um pequeno grupo, ainda, mas muito ativo e entusiasta.

O Instituto nasceu no Brasil na cidade de Caxias do Sul, aos 18/05/90, festa de São Leonardo Murialdo, fundado pela Senhora **MOEMA MURICY**. A fundação aconteceu durante uma celebração Eucarística, iniciada às 18:00 horas, na Comunidade **LAR PE. JOÃO SCHIAVO** das Irmãs Murialdinas, na qual estavam presentes **Pe. Geraldo Boniatti, Provincial dos Josefinos, Pe. Genuino Roman, mestre dos Noviços Josefinos com toda a sua comunidade, Pe. Bruno Barbieri, Pároco, as Irmãs Murialdinas Eliza Rigon e Enedina Smiderle**, pertencentes a Comunidade das Irmãs Murialdinas de Fazenda Souza.

O INSTITUTO SÃO MURIALDO começou com três membros. No dia 19 de março de 1996 recebeu total aprovação pelo Bispo dom Paulo Moretto, Ordinário da mesma diocese, como órgão de apostolado plenamente apto para os nossos tempos.

A ASSOCIAÇÃO DAS MÃES APOSTÓLICAS.

É uma associação única na espécie. Quem pertence à associação se compromete a rezar pelo incremento e perseverança das vocações josefinas e a ajudar o sustento destas vocações com uma pequena oferta mensal que é livre e espontânea.

O nome **MÃE APOSTÓLICA** não implica em que as pessoas sejam unicamente mulheres e mães. O nome **MÃE** se refere à missão que as pessoas assumem: *com a sua oração e ajuda geram muitas vocações ao estado sacerdotal e religioso.*

As **MÃES APOSTÓLICAS** são milhares e milhares e estão espalhadas em todos os recantos onde os josefinos exercem seu apostolado.

LEIGOS AMIGOS DE MURIALDO

LEIGOS AMIGOS DE MURIALDO são um grupo de pessoas que, fascinadas pelo carisma de São Leonardo Murialdo, unem-se para caminhar e crescer na fé. Tem um ideal: “*Assumir a defesa e a promoção da vida das crianças, adolescentes e jovens pobres e rejeitados pela sociedade, procurando, com todos os meios a seu alcance, de lhes favorecer condições dignas de vida através de uma educação e formação integral.*” Tem uma espiritualidade: aquela apontada por São Leonardo Murialdo. Estão ligados a este santo como a um amigo, a um irmão, a um pai... Por isto se chamam **AMIGOS DE MURIALDO**.

A Associação dos **LEIGOS AMIGOS DE MURIALDO** nasceu muito recentemente. Espalhou-se rapidamente por todos os lugares onde estão trabalhando os Josefinos de Murialdo e as Irmãs Murialdinas, envolvendo centenas e centenas de pessoas.

Sua Identidade deve ser procurada na Espiritualidade que os anima e no ministério que exercem.

A ESPIRITUALIDADE ou MÍSTICA que anima **OS LEIGOS AMIGOS DE MURIALDO** é bem definida e de fácil compreensão, mas com uma profundidade teológica imensa. Ela nasce da convicção de que **DEUS NOS AMA** e seu amor é infinito, atual pessoal, terno e misericordioso. Este amor deve ser retribuído com amor, um amor especial, terno, pessoal e atual àqueles que são mais rejeitados e menos amados: as crianças na rua e de rua. “*O que fizestes a cada um destes meus irmãos é a mim que o fizestes...*”

Murialdo deu toda sua vida em favor de crianças, adolescentes e jovens pobres levado por um forte impulso interior. Intuiu o amor imenso com o qual Deus ama o homem e se questionou seriamente: “*Como responder ao imenso amor com que Deus ama o homem desde toda a eternidade? Como retribuir ao seu amor infinito, terno, misericordioso, pessoal e atual?*” Amor só se paga com amor. Como só podemos amar Deus invisível através do irmão visível, eis então que a resposta de Murialdo se orientou para o amor daqueles filhos de Deus que são menos amados, mais esquecidos, muitas vezes marginalizados: “*crianças, adolescentes e jovens pobres e abandonados*”.

Os Leigos Amigos de Murialdo querem se santificar como Murialdo se santificou, dando seu tempo, suas forças e sua vida em prol das crianças e adolescentes pobres, iluminados por este ideal.

Quem pode ser LEIGO AMIGO DE MURIALDO? O nome indica que podem pertencer a esta associação leigos de sexo masculino ou feminino, solteiros ou casados, jovens ou velhos. Basta que vivam a mesma vocação: aceitar o Evangelho, ter a ótica de São Leonardo Murialdo, com um estilo de vida pautado na família de Nazaré. Não professam votos como os religiosos, mas se comprometem e se empenham:

- 1 - A partilhar o Carisma de São Leonardo Murialdo com os Josefinos e as Murialdinas.
- 2 - A fazer da oração e da Eucaristia o centro de sua vida pessoal ou de casal.
- 3 - A se nutrir da Palavra de Deus.
- 4 - A participar de encontros comunitários para aprofundar sua formação e fortalecer sua vocação, partilhando suas experiências e atividades entre menores.
- 5 - A viver uma vida profundamente cristã, em colaboração com a Igreja local de maneira ativa e gratuita.

Murialdo continua vivo... Murialdo é um santo muito atual. Sua obra em prol das crianças, adolescentes e jovens pobres continua no espírito dos membros da Congregação que ele fundou e da Congregação das irmãs Murialdinas. Continua, também, no esforço e na boa vontade de todos aqueles que encarnam seu espírito e lutam em favor da causa pela qual ele lutou. .

Murialdo e o punhado de homens que se reuniram para formar a Congregação de São José, tinham uma palavra de ordem: AGIR E CALAR, e estavam dispostos a convergir todos os esforços em prol da juventude pobre. Aqueles que assumiram a mesma bandeira, os religiosos

Josefinos, as religiosas murialdinas, os membros do Instituto Secular São Murialdo e os Leigos Amigos de Murialdo vivem o mesmo espírito, o mesmo ideal. Murialdo não morreu. Vive e opera neles

MURIALDO PODEROSO INTERCESSOR.

A AURÉOLA DE UM SANTO

Quando Murialdo chegava de trem à estação de Rívoli, onde funcionava um oratório, havia sempre um grupo de meninas e meninos que o esperavam.

As mães recomendavam a estas crianças de irem ao encontro dele, saudá-lo e não esquecer suas palavras, pois, - acentuavam - tinham a ventura de conhecer um santo. As crianças sentiam-se atraídas. Seguiam-no tímidas e com muito respeito e o imaginavam com uma auréola luminosa na cabeça cheia de luz e de glória.

O sonho daquelas crianças se tornou realidade. A Igreja reconheceu sua santidade e o propôs para todo o mundo católico como modelo e intercessor.

IGREJA EXIGENTE E SÁBIA...

A Igreja é muito exigente. Não declara ninguém bem-aventurado e santo sem sondar-lhe em profundidade toda a vida, sem examinar suas obras, seus atos, seus escritos... Além disso, para dar a sua decisão, espera que Deus confirme a santidade com ao menos dois milagres para a beatificação e outros dois para a canonização.

Depois que os homens fizeram um longo exame de sua vida e de suas obras, Deus, na sua misericórdia, confirmou a santidade com os milagres esperados e Leonardo recebeu a coroa de bem-aventurado aos 3 de novembro de 1963 e de santo aos 5 de maio de 1970.

Os milagres que Deus operou por intercessão de nossos santos são muitíssimos. Apresentaremos quatro aprovados pela Igreja. Os dois primeiros, a cura de irmã Júlia e da senhora Clotilde serviram de base para a beatificação. Os outros para a canonização.

1º - IRMÃ JÚLIA CAMINADA...

Irmã Júlia sofria de flebite aguda agravada por trombose. Não podia andar. As dores eram muito fortes, e havia possibilidade de infarto causado pelos coágulos sedimentados nas veias das pernas.

Ela e sua irmã carnal pediam incessantemente a intercessão de Murialdo para obter a cura. Fizeram uma 1.ª novena, depois outra ainda e começaram uma terceira, aplicando sobre a perna uma relíquia do nosso santo. Parecia-lhes, porém, que as coisas pioravam sempre mais. Foi então que irmã Júlia, na sua fé, desafiou Murialdo. **“Escuta, - disse, - não me leves a mal. Minha comunidade precisa de alguém que trabalhe. Não achas que deves alcançar de Deus minha cura? Murialdo, dou-te prazo até meia-noite”.**

O dia passou, mas não a dor. Chegou a noite e e algo começou a mudar. Júlia adormeceu e fez um longo sono, coisa que não acontecia nos últimos meses. Despertou somente às 4 da madrugada, sem dor nenhuma, sem sequer sentir o inchume que a acompanhava desde a trombose.

Demorou alguns minutos antes de olhar. Quando criou coragem olhou e viu que a perna estava desinchada, de cor natural e completamente sã. A irmã ficou fria. Agradeceu de coração, tornou a adormecer e no dia seguinte recomeçou normalmente suas atividades.

Os médicos que a examinaram emitiram a seguinte declaração: **“A cura foi instantânea e definitiva. Não existe nenhuma explicação científica para o fato.”**

2º - CLOTILDE FIAMMA

Clotilde teve uma hemorragia interna. Pregada na cama pensava em sua dor e nos 8 filhos que devia sustentar. Um médico, chamado urgentemente, disse que só uma operação num hospital especializado de Nápoles daria esperanças para a doente. Seu estado, porém, não lhe permitia viajar e pensar numa operação em casa era sonhar alto demais.

O médico foi categórico: **“Só um milagre pode salvar a paciente”**.

Clotilde era uma boa cristã. Por isto chamou um sacerdote e recebeu a unção dos enfermos. O bom do Padre, depois da bênção sacramental, lhe entregou uma relíquia de Murialdo dizendo: **“reza muito, pede a este santo a cura. Com certeza irás ficar boa.”**

29

Clotilde rezou até que adormeceu. Não era noite ainda quando despertou e não sentiu mais nenhuma dor. Chamaram com urgência o médico que respondeu assim no telefone:

“Minha presença é supérflua. Eu nada mais posso fazer. Por isto é inútil que eu vá!”

Insistiram para que fosse e ele, embora contrariado, foi à casa da doente, a examinou atentamente e declarou pasmado: **“Aconteceu um milagre! Não é possível! Sem operação não havia esperança nenhuma de cura! A senhora não tem mais nada.”**

Em Nápoles, uma turma de especialistas estudaram seu caso e concluíram: **“Cura completa, estável e duradoura, sem nenhuma explicação científica.”**

3º - O PEQUENO FABRÍCIO

Era o ano de 1963. Francisco Miglio e Fúlvia Simoncini estavam para completar 25 anos de casados. Foram a Roma e deixaram o filhinho Fabrício, com 10 anos de idade, na casa dos tios em Rivoli. No dia 3 de novembro, dia da beatificação de São Leonardo Murialdo, Fabrício sentiu-se mal. O médico, chamado com urgência, constatou uma pericardite muito grave. Levado imediatamente à Clínica Pediátrica Universitária de Turim os médicos extraíram 500 Cms de pus e conseguiram vencer a infecção, mas permaneceu um defeito cardíaco chamado **“pericardite constrictiva”** que só se podia corrigir com uma delicada intervenção cirúrgica.

No dia 14 de fevereiro Fabrício baixou de novo no hospital para a operação. Agora não tinha medo, pois os pais estavam com ele e lhe tinham assegurado que **“se o Bem-Aventurado Leonardo Murialdo quisesse a operação podia ser dispensada”**.

Murialdo quis. Quando os médicos consultaram o menino para acertar os últimos detalhes ficaram extremamente surpresos. Exames clínicos, radiografias, eletrocardiogramas, ecografias, tudo indicava que Fabrício estava totalmente curado.

“O senhor, - disse um dos médicos ao pai do menino, - deve ter no céu um santo especial que o protege. O menino não tem mais nada. É incrível, mas é verdade.” O prodígio foi confirmado por 10 médicos que unanimemente declararam que a ciência não pode explicar o que aconteceu.

Fabrício nunca mais teve distúrbios cardíacos. Agora é um homem sadio e agradecido a São Leonardo Murialdo.

4º - TICIANA BRICCARELLO.

Francisco Briccarello e sua esposa Bruna tinham uma filha chamada Ticiano a qual, naqueles dias, estava na casa dos avós numa localidade perto de Asti, situada a 60 Km de Turim.

No dia 13 de fevereiro de 1965 o casal estava em sua vendinha de frutas e verduras na cidade de Turim quando foi chamado ao telefone. Era o pai de Bruna que lhes comunicava que a neta estava muito mal e precisava ser levada urgentemente ao hospital. Francisco foi imediatamente buscar a filha e a levou à clínica REGINA MARGARIDA onde foi consultada por especialistas que diagnosticaram gastroenterite e encefalite aguda provocada por vírus, tudo agravado por complicações respiratórias.

O caso era delicado. Irmã Celsa tentou consolar a mãe e as duas começaram a rezar a Murialdo pedindo um milagre. A irmã tinha uma imagem do santo. Beijou a imagem e a colocou sobre o coração da doente. Um dia depois a criança estava curada.

Os médicos estranharam a rapidez da cura, reestudaram os exames do dia anterior, procuraram uma explicação e deduziram que o caso era um enigma para a medicina.. Um deles comentou: **“A cura foi praticamente instantânea, clinicamente perfeita e naturalmente inexplicável.”** Ticiano nunca mais teve distúrbios daquela natureza.

O TESTAMENTO DE SÃO LEONARDO MURIALDO

TESTAMENTO ESPIRITUAL, O QUE É?

Murialdo deixou um Testamento Espiritual muito interessante e significativo. Poderíamos até dizer que o seu **TESTAMENTO ESPIRITUAL** foi a base de todos os estudos feitos pela Igreja para 30

reconhecer sua santidade heróica. Murialdo imitou um outro grande Santo, Santo Agostinho, que nos legou o livro “*As Confissões*” que nada mais é do que um Testamento Espiritual.

A palavra testamento inclui o sentido de testar, transmitir, passar algo para outrem, testemunhar. Um Testamento Espiritual é um testemunho de alguma coisa transcendental, transmitida no sentido de edificar, ensinar, ajudar e ser útil para as as pessoas destinatárias.

Assim, através de seu testamento, Murialdo quis legar à família josefina o testemunho de como sua vida foi marcada pelo amor de Deus, e que Deus está continuamente presente com seu amor infinito, eterno, misericordioso, terno, atual e pessoal nos seus filhos espirituais e em todas as pessoas.

QUANDO FOI ESCRITO.

Três datas aparecem no Testamento. A data 30 de março de 1895 indica que o Testamento já tinha sua estesura definitiva naquela ocasião sem, naturalmente os acréscimos finais indicados pela data 1899. A data 1891, que aparece depois de uma pequena introdução, marca, provavelmente, o início dos primeiros esboços do testamento.

Logo no início existem duas observações interessantes. Uma, apresentada como nota, se refere à língua do Testamento: “*escrevo em francês para evitar que os funcionários da casa o leiam.*” A outra espessa um desejo: “*Após a minha morte, queira o Pe. Constantino ler estas memórias de minha pobre vida. Se achar conveniente, mostre-as ao Pe. Reffo. E se achar melhor pode rasgar este caderno. No 1.º caso Pe. Constantino e Pe. Reffo podem fazer o uso que quiserem destas anotações. Talvez seja melhor queimá-las.*”

O QUE DIZ O TESTAMENTO?

O Testamento Espiritual de Murialdo é uma espécie de autobiografia íntima pela qual o autor aponta como Deus interveio em sua vida com seu amor misericordioso. Para marcar de maneira categórica este amor de Deus, Murialdo acentua suas infidelidades e sua pouca correspondência a Deus de maneira muito sincera e muito franca.

Ele apresenta uma longa lista de benefícios particulares que Deus lhe fez, datando cada um para confirmar a si mesmo e aos leitores que Deus intervém na história das pessoas, concreta e sensivelmente. O Amor de Deus, para Murialdo, é algo que se pode sempre constatar, pois marca a cronologia de nossas vidas.

1 - Finalidade do Testamento

Murialdo traz, numa linguagem terna e familiar, a finalidade de seu testamento.

“*Meus queridos filhos e irmãos e Jesus Cristo e São José. Minha hora de partir para a eternidade não pode estar muito longe. Antes de deixar-vos quero legar-vos uma lembrança: a lembrança das misericórdias que o bom Deus quis conceder-me, sendo o mais ingrato dos pecadores. Creio assim poder vir ao encontro dos desígnios de Deus que podem ser, para a nossa Congregação, o que foram, para a Igreja universal, os desígnios de Deus na conversão de São Paulo.*”

Pede, logo depois, que ninguém se escandalize com a exposição das suas misérias, mas antes tome motivo para confiar mais ainda na misericórdia do Senhor.

2 - Exposição de “suas misérias” e dos benefícios recebidos.

Começa narrando como Deus foi bom com ele. Constata que teve uma família nobre e rica, um pai honesto, piedoso e católico praticante, uma mãe exemplar que o amava de maneira muito intensa; diz que recebeu inteligência viva e a ventura de estudar num dos Colégios mais concentrados da época, numa cidade chamada Savona, onde o clima era muito bom para sua saúde que era fraca e doentia... Constata logo depois amargamente: “*Meu Deus! vós me tínheis cumuldado de benefícios naturais e sobrenaturais; e eu vos abandonei tão cedo. Ainda não haviam passados sete anos desde o uso da razão e eu já vos abandonava, revoltando-me contra vós... Aos 14 ou 15 anos eu já era um pecador, um grande pecador... Aos quinze anos eu era um pequeno ímpio.*”

Narra então a história das “*impiedades*” daquele período de Colégio, agradecendo de coração a N. Sra da Consolação que o protegeu, não obstante tudo, e lhe concedeu a graça de sair daquele atoleiro.

3 - Deus o converte e o chama...

Em seguida Murialdo narra que quem venceu aquela luta, que se travava nele entre o bem e o mal, foi Deus com a sua graça. Deus o tirou do Colégio, o levou de novo para Turim onde o bom Pe. Pullini o orientou e recebeu a sua confissão geral.

Murialdo expressa neste ponto toda a sua admiração pela bondade de Deus. “*Eis que Deus quis ainda fazer brilhar a sua bondade e generosidade de uma maneira completamente nova! Não só me admitiu novamente à sua amizade, mas me chamou a uma opção de predileção: chamou-me ao sacerdócio, à carreira eclesiástica. E isto a alguns meses apenas de minha volta para Ele.*”

Relata, em seguida, sua vestição, seus estudos, a recepção do Subdiaconato, do Diaconato e sua ordenação sacerdotal, acentuando não só a sua felicidade, mas também a tristeza pela falta da mãe que tinha sido chamada por Deus em 1849, dois anos antes de sua ordenação.

4 - Mais benefícios, mais ingratidão.

O testamento continua, depois, sublinhando o que Deus operou nele durante os seus anos de sacerdócio e como ele respondeu a esse amor. “*Infelizmente o amor próprio tem sido sempre meu ídolo. Deus continuava e continua a chamar-me em voz alta ...*” Diante deste chamado de Deus ele se pergunta: “*Que farei agora?*” Seguem reflexões profundas e bonitas, orientadas para o amor de Deus que o beneficiou de maneira concreta em todas as etapas de sua vida. Relembra de novo como foi escolhido para ser cristão e católico, numa família santa, com uma educação privilegiada; fala da graça da vocação; acrescenta que, como sacerdote, teve exercícios espirituais muito profundos e a possibilidade de passar um tempo num seminário de Paris para uma maior tomada de consciência; conta também que teve doenças graves como advertências da necessidade de conversão; constata que os pais, os irmãos e as irmãs todas já tinham partido para a eternidade e exclama amargamente: “*Que vergonha para mim! Quanta resistência às graças de Deus! Quão surdo fui à sua voz que me chamava, que gritava por mim! ... Quanto desprezo às inspirações, às luzes e aos remorsos que ele enviava incessantemente ao coração! E quando enfim me decidi a aceitar fugir do inferno, qual foi minha vida? Testemunhei meu reconhecimento com meu amor, com minha cooperação?*

Infelizmente o amor próprio sempre foi meu ídolo! E Deus continuava e continua ainda chamando-me..”

5 - O amor misericordioso de Deus.

A este ponto do testamento Murialdo prorrompe num hino ao amor de Deus, com um estilo claramente paulino. Fora do contexto e num trabalho de síntese é impossível transmitir todo o sentido, que é altamente poético porque procede de um coração que vive verdadeiramente aquilo que diz.

A pergunta com que conclui este canto é uma pergunta que Murialdo faz continuamente a si mesmo: “*Que farei agora?*”

Ele responde a esta pergunta com um outro canto que tem o ritmo de um salmo e o espírito do Cântico dos Cânticos. É um diálogo entre ele e Deus pelo qual Deus lhe fala enumerando todos os benefícios com que seu amor o perseguiu ao longo da vida.

Murialdo não queria fazer com seu testamento uma obra de literatura. Porém, a arte com que teceu algumas partes de seu caderno nos levam a pensar que Murialdo teria, com certeza, um lugar eminente entre os escritores do século se tivesse algumas preocupações literárias. Só nas Confissões de Santo Agostinho é que encontramos textos paralelos. Murialdo e Agostinho parecem duas almas gêmeas. Embora muito distantes no tempo são unidas entre si pelos sentimentos de amor e gratidão que perpassam seus corações.

6 - Os dois desejos.

A este ponto Murialdo interrompe seu arrebatamento e expressa dois desejos que se tornaram lei para a Congregação de São José.

O primeiro desejo é que toda a Congregação deve por princípio “*propagar, dentro e fora da Congregação, o conhecimento do amor infinito, atual e individual que Deus tem para*”
32

com todas as pessoas, especialmente para com os fiéis e, de maneira muito particular, para com esses eleitos, esses escolhidos que são os sacerdotes e os religiosos”.

Como apêndice a esse desejo, ele rebate algumas objeções que poderiam ser feitas a respeito, para que resulte bem claro que o amor de Deus é uma realidade absoluta, e irrompe mais uma vez em uma oração que tem sabor de um salmo brotado do fundo do coração.

O segundo desejo que Murialdo expressa é que seja propagada a devoção a Nossa Senhora. Recomenda a leitura e a meditação do livro: “*As Glórias de Maria*” de Santo Afonso Maria de Ligório e cita alguns autores para confirmar a necessidade desta devoção.

Quando Murialdo estava para morrer havia um círculo de confrades ao redor de sua cama. Nesta ocasião salientou mais uma vez a necessidade desta devoção. Foi uma tecla que sempre martelou. Alguns tempos antes, aliás, em 1895, durante uma de suas conferências, falando da devoção a Maria, usou uma expressão que se tornou proverbial, na Congregação dos Josefinos, por causa de um erro de gramática, cometido de maneira proposital, para que ficasse gravada a recomendação. Disse em língua italiana: “*Siate arcidevotissimi della Madonna*”, o que em português, mantendo a incorreção, soa: “*Sede muito devotíssimos de Nossa Senhora*”. O *muito devotíssimos* ficou impresso nos Confrades da Congregação de São José de tal modo que ser josefino e não ter devoção a Nossa Senhora se torna absurdo inconcebível.

7 - O Filho Pródigo

Expressos os dois desejos Murialdo se identifica com o Filho Pródigo da parábola, e se deixa levar, uma vez ainda, pelo coração, a expressar de novo sua admiração pelos benefícios com que Deus o acompanhou. Conclui, então, dizendo: “*Não falo tanto das consolações e das doçuras espirituais que Deus me fez experimentar por alguns instantes para eu me ligar mais a Ele. Falo principalmente dos inefáveis benefícios, dos privilégios extraordinários que Ele concedeu ao mais ingrato dos filhos, chamando-me e escolhendo-me entre mil, eleito entre mil, ao estado sacerdotal e religioso! Que multidão de benefícios em cada um de seus favores!*

Que retribuirei ao Senhor?”

- Acentua que foi chamado - “*para o banquete da alegria, e que banquete! E quantas vezes foi repetido desde a minha volta! Mais de 16.000 vezes!*”

8 - Um acréscimo...

No ano 1899, Murialdo completou seu Testamento com um acréscimo.

Nesta parte ele analisa o que lhe impede de corresponder totalmente ao amor de Deus e sublinha a *preguiça, o comodismo, a gula e o amor próprio.*

Medita depois sobre a gratuidade dos dons de Deus, sobretudo sobre sua vocação ao Estado Sacerdotal e Religioso.

Afirma que nunca tinha sonhado de ser sacerdote. Quando criança pensava ser oficial, no colégio sonhara se tornar advogado, mais tarde pensava em ser engenheiro... Deus tinha outros planos e o chamou ao sacerdócio com “*sua voz que faz estremecer os cedros do Líbano*”.

Diz também que a vocação ao estado religioso foi “*uma amável violência*” de Deus. Conta como se deu a fundação da Congregação e como ele relutou muito antes de dar o passo definitivo. Relata as objeções que fez a respeito... Como foi consultar o Pe. Icard a quem pôs o problema, externando, como num grito, o que sentia, e como lhe parecia não existir solução: “***Deus escolhe sempre pessoas santas para fundadores de Congregação!***”- argumentou-. Pe. Icard respondeu simplesmente: “***É uma razão para sê-lo***”, obrigando-o, assim, moralmente a aceitar.

Apertado por todos os lados, pelo Teólogo Berizzi, pelo Pe. Reffo, pelo confessor teólogo Blêngio, por Dom Ricardi, Dom Gastaldi, Dom Galetti, Pe. Icard..., Murialdo capitulou e admite que o bom Deus o obrigou, de uma vez para sempre, a aceitar a missão de fundador da Congregação de São José.

Depois Murialdo enumera de novo os benefícios particulares recebidos de Deus, faz algumas considerações sobre a penitência que ele praticou para receber o perdão de seus pecados, se detém, comovido meditando sobre a fonte batismal da Igreja de São Dalmácio onde foi batizado, o confessionário onde recebeu o perdão de suas faltas, lembrando a bondade do Pe. Pullini... Lembra uma confissão feita em 1885 com o teólogo Blêngio, por ocasião de uma doença muito grave... Transporta-se na Igreja da Visitação, em Turim, onde em 1845, na festa de São Leonardo, recebeu o hábito clerical, mas sobretudo fala da misericórdia de Deus a seu respeito e acaba com uma prece que resume o tom de todo o testamento: “***Vós sabeis, Senhor, qual foi minha vida depois do que eu gosto de chamar de minha conversão. Que vida desleixada, cômoda, sem penitência, sem fervor, a tal ponto que eu não sei se, aos olhos dos Anjos, seria menos abominável uma vida passada em tão negra ingratidão e tão vergonhoso esquecimento do passado, do que uma vida passada na sensualidade e na impiedade***”

CONCLUSÃO.

O maior agiógrafo de São Leonardo Murialdo, Pe. Castellani, afirma que esse testamento poderia ser chamado “*Confissões de uma alma*” ou “*História de uma alma*”. Sem dúvida, comenta Vittorio Costa em seu livro “*TUDO É GRAÇA, DEUS É AMOR*”, “*é um documento de extraordinária originalidade, autêntica pérola de hagiografia cristã.*”

Diante do sentimento contínuo de auto-acusação que perpassa todo o testamento e leva Murialdo a contemplar continuamente suas falhas, surgem questionamentos. Será que nessas expressões não existe ao menos um pouco de exagero, de deturpação da realidade? Por que será que Murialdo insistiu tanto em narrar suas infidelidades e em repetir muitas vezes a mesma narração auto-acusatória? Pecador, sim, todos o somos, mas havia mesmo necessidade de pôr a nu tantas coisas que, afinal de contas, são normais para a maioria das pessoas?

Eis aqui um ponto que marca a diferença entre nós e os santos. Mais uma pessoa está ligada a Deus, mais gosta de se livrar de tudo aquilo que a impede de ter uma relação sempre mais profunda com Ele. Nas atitudes de Murialdo a Igreja leu exatamente que *Murialdo mostrou que era santo de verdade também porque sentia em profundidade a desventura de ainda ter coisas que lhe impediam de se imergir totalmente na divindade.*

Os santos são santos porque amam. Murialdo amou apaixonadamente a Deus e, em Deus, amou intensamente sua Congregação, seus filhos espirituais, as crianças, os jovens, a humanidade. Eis então que ele pôs a nu suas misérias para gritar a todos que Deus é Amor, que Deus é perdão, que Deus é misericórdia. Escrever o que escreveu, da maneira como o escreveu, mais do que um ato de humildade, foi um ato de amor.

TÍTULO: Murialdo, Pai, Amigo, Irmão.

AUTORES: Pe. José Perona e Leigos Amigos de Murialdo.

AGRADECIMENTOS:

- Aos Pe. Túlio Locatelli, Pe. Dotta, Pe. Fossati e Pe. Honorino Dall'Alba pela revisão crítica.
- Ao Senhor Edgard de Medeiros e ao Pe. Cornélio Dall'Alba pela revisão ortográfica.
- À Redação de **O MENSAGEIRO** que divulgou boa parte do livrinho em capítulos.
- A todos aqueles que ajudaram com sugestões ou de qualquer outra maneira.

TIPOGRAFIA:

Impresso na **GRÁFICA EDITORA TALENTO** - (061) 3864345 / 552 0520 - Bandeirante (DF)

DATA: Quarta Edição: 2007

ÍNDICE

Apresentação pg. 01
A Família pag 02
As origens da família Murialdo
Nadino pag. 03
O nascimento
O batismo de Nadino
Os primeiros anos
Os primeiros sofrimentos
O Pe. gigante
Um pequeno mundo espiritual
Viagem para Savona
Sonhos e saudades
No colégio
Aos quatorze anos
A volta para Turim
O Jovem pg. 07
A vocação
Um momento de preocupação
Amizades e estudos
As férias

Demétrio o tentador.
Ainda o bom Pe. gigante
No seminário
O Teólogo Murialdo
Catequista, assistente, animador
O Sacerdote pag 11
A ordenação
Um encontro, uma decisão...
Guerra na beira do rio
Abrir um oratório é fechar uma prisão
Ter uma profissão é garantir um futuro
A criatividade de quem ama
Pelos jovens e pela Igreja
Fracassa, mas não desanima
Dinheiro? Onde arrumar dinheiro?
Atividades sim mas...
Em Paris
Um colégio para pequenos artesãos
Um sim provisório...
O Reitor pag. 15
No colégio "Artigianelli".
Criticado
Dívidas e dificuldades
Um pai, uma família...
Um pai, um educador, um formador...
Os últimos anos pag 22
Um Santo que..
As cruzes das doenças e das dívidas
37
O cinquentenário do colégio
Sua morte e sua glorificação
A Congregação pag 24
O nascimento
A finalidade
Enquanto Murialdo vivia...
Depois da morte de Murialdo
Ide por todo o mundo
As missões
Os membros da Congregação
Sede como aqueles que servem
Uma Congregação irmã
Encantadas por um ideal...
O Instituto Murialdo
A Associação das Mães Apostólicas
Os Leigos Amigos de Murialdo
Murialdo Poderosos Intercessor pag 30
A auréola de um Santo
Igreja exigente e sábia
Irmã Júlia Caminada
Clotilde Fiamma
O pequeno Fabrício
Ticiania Briccarello
O Testamento de São Leonardo Murialdo pag 32
O que é.
Quando foi escrito
O que diz
Finalidade do testamento
Exposição de suas misérias e dos benefícios de Deus
O Amor misericordioso de Deus
Os dois desejos
O Filho pródigo

Um acréscimo
Endereço das obras Josefina pag 37
Conclusão pag 38

Índice pag 39

ENDEREÇO DAS OBRAS JOSEFINAS NO BRASIL

1 - CASA PROVINCIAL

Rua Hércules Galló, 515 - CEP 95020-970 - Cx Postal 689 - Tel. (54) 3221 4711
Caxias do Sul (RS). ilemcpr@terra.com.br

2 - CENTRO TÉCNICO SOCIAL

Rua Marquês do Herval, 701 - CEP 95001-970 - Cx Postal 689 - Tel. (54) 3221 2890
Caxias do Sul (RS). ilemcts@terra.com.br

3 - OBRA SOCIAL EDUCACIONAL (Casa de Noviciado)

Rua Antônio Castro Alves s/n - CEP 95041-970 - Cx Postal 689 - Tel (54) 3221 7193
Caxias do Sul (RS).

4 - COLÉGIO MURIALDO

Avenida Rio Branco 1595 - CEP 95001-970 - Cx Postal 2535 - Tel e Fax (54) 3283 1290
Ana Rech - Caxias do Sul (RS). anareh@murialdo.org

5 - SEMINÁRIO JOSEFINO

CEP 95001-970 - Cx Postal 584 - Tel (54) 3267 1248; 267 1146
Fazenda Souza - Caxias do Sul (RS). fazendasouza@murialdo.org

6 - ASSOCIAÇÃO PROTETORA DA INFÂNCIA

Rua Vidal de Negreiros 423 - CEP 91520-480 - Tel e Fax (51) 3336 5602
Partenon - Porto Alegre (RS). portoalegre@murialdo.org

7 - COLÉGIO NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS

Avenida 7 de Setembro 2438 - CEP 88900-000 - Cx Postal 06 - Tel (48) 3522 0636 e 3522 0326 (Fax)
Araranguá (SC)

8 - SEMINÁRIO SÃO JOSÉ

Bairro Murialdo - CEP 88870-970 - Cx Postal 94 - Tel (48) 3466 0131
Orleans (SC). orelans@murialdo.org

09 - EPESMEL E TEOLOGADO JOSEFINO

Rua Angelina Ricci Vezozzo, 85 - Parque das Indústrias Leves - CEP 86030-340 - Cx Postal 2117 -
Tel (43) 3325 5043 e 3325 7875. londrina@murialdo.org
Londrina (PR)

10 - PARÓQUIA SÃO BENEDITO

Rua Igarité 338 - CEP 02262-000 - Tel (011) 2241 1376 e 2241.9302
(Jaçanã) - São Paulo (SP). faleparoquiasaobenedito.org.br

11 - PARÓQUIA SÃO JORGE

Rua Clarimundo de Melo, 769 - CEP 20740-320 - Tel (21) 3596 0388
Quintino - Rio de Janeiro (RJ). rio@maurialdo.org

12 - PARÓQUIA SÃO PAULO APÓSTOLO

QE 07, Lote F Área Especial - CEP 71020-667 - Tel (61) 3382.4236.
Guará 1 - Brasília (DF). brasilia@murialdo.org

13 - PARÓQUIA SANTA RITA

EQ 3/4 Lote D, SRL - CEP 73350-350 - Tel (61) 3389 4090 ou 3389 7164 (Fax)
Vila Buriti - Planaltina - Brasília (DF). planaltina.p@murialdo.org

14 - PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA GUIA.

Rua Álvares Cabral, 36 - Cx Postal 10 - CEP: 47520-000. Tel (77) 698 1182 - Botirama (BA)
ibotirama@murialdo.org

15 -Residência comunidade Josefina

Rua mandacaru, 1653 – Conjunto Tamandaré
CEP: 60865-290– Fortaleza (CE) - Fone: (85)3250 8276
fortaleza@murialdo.org

16 -Paróquia Santa Edwiges

Conjunto panorama XXI - Entrequadra 9-10 – Mangueirão
CEP: 66625-110 – Belém (PA). belém@murialdo.org

17-Escolasticado Murialdo de Brasília

SHA- quadra 04 – conjunto 05, Chácara 103 – Arniqueira

CEP:71993-500 – Brasília –DF. Fone: (61) 3456 0528

ilembrasil@yaho.com.br

18 –Postulado

Rua Angelina Ricci Vezozzo, 85 - Parque das Indústrias Leves - CEP 86030-340 - Cx Postal 2117

Fone: (43)3321 4751. E-mail: parcristobpastor@sercomtel.com.br

19- Paróquia São Luís – MA

Rua Siqueira Campos, 65 – Vila Luizão

CEP: 65065-545 – São Luís (MA). E-mail: lauricsj@yahoo.com